

Uma novela da trilogia FEITA DE FUMAÇA E OSSO

intrínseca

Noite de
BOLO
de
MARIONETES

LAINI TAYLOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Uma novela da trilogia FEITA DE FUMAÇA E OSSO

intrínseca

Noite de
**BOLO
MARIONETES**

LAINI TAYLOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LAINI TAYLOR

NOITE DE BOLO E MARIONETES

Tradução de Viviane Diniz



Copyright © 2013 by Laini Taylor.

Publicado mediante acordo com a Little, Brown and Company, Nova York, NY, EUA. Todos os direitos reservados.

O trecho que cita pegadas de pavão foi parafraseado de *Elimination Dance*, de Michael Ondaatje.

TÍTULO ORIGINAL

Night of Cake and Puppets

PREPARAÇÃO

Giuliana Alonso

REVISÃO

Juliana Pitanga

Viviane Maurey

IMAGEM DE CAPA

© David & Myrtille/Arcangel Images

ARTE DE CAPA

© 2013 Hachette Book Group, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE E-PUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-583-5

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Ela

1. A marionete que morde
2. Esse tipo de alienígena
3. Tratamentos para calvície feminina
4. Drástico

Ele

5. Olhos de vodu
6. Carpe noctem
7. Carpe diabolus

Ela

8. Viva os monges assassinados
9. O vazio do coração
10. Pegadas de pavão

Ele

11. Agarre sei lá o quê

Ela

12. Como chocolate

Sobre a autora

Conheça os livros da série

Títulos relacionados

ELA

A MARIONETE QUE MORDE

No alto do armário que fica no fundo da oficina do meu pai — a mesma que foi do meu avô e que um dia será minha, se eu quiser — há uma marionete. O que não é nenhuma surpresa, já que é uma oficina de marionetes. Mas *essa* marionete, apenas *essa*, fica dentro de uma caixa de vidro, e o que sempre me enlouqueceu é o seguinte: a caixa não abre. Era minha função limpá-la quando eu era pequena, portanto posso afirmar com certeza: a caixa não tem nenhuma portinha, nem fechadura, nem dobradiças. É um cubo inteiro, construído *em volta da marionete*.

Se alguém quisesse tirar a marionete dali — ou “libertá-la”, nas palavras do meu avô —, teria que quebrar o vidro.

O que nunca pareceu uma boa ideia.

A marionete é um boneco repulsivo e bizarro, uma espécie de raposa zumbi com roupa de cossaco: chapéu de pele, botas de couro. A cabeça é um crânio de raposa de verdade, puro osso amarelado, sem nenhum adorno fora os olhos nas órbitas, esferas de vidro preto com pálpebras de couro, tudo tão realista que não tem como se sentir confortável olhando aquilo. Os dentes foram afiados a tal ponto que parecem minúsculas pontas de faca; quem quer que tenha confeccionado essa marionete, devia achar que dentes de raposa não eram... afiados o suficiente.

— O suficiente para o quê? — quis saber minha melhor amiga, Karou, na primeira vez que foi a minha casa em Český Krumlov.

— O que acha? — repliquei, com um sorriso sombrio.

Era véspera de Natal, tínhamos quinze anos. Estávamos sem luz elétrica na casa por causa de uma tempestade, e meu irmão (Tomas) e eu a havíamos levado até a oficina, do lado de fora da casa, com apenas uma vela para iluminar o caminho. Admito sem pudor: estávamos tentando assustá-la.

Mas o feitiço estava prestes a se voltar feio contra os feitiçeiros.

— Não foi o seu avô que fez? — perguntou ela, fascinada.

Karou encostou o rosto no vidro para ver melhor a marionete, que parecia ainda mais bizarra à luz da vela: os reflexos bruxuleantes em seus olhos negros davam a impressão de que ela nos *contemplava*.

— Ele jura que não — respondeu Tomas. — Diz que a capturou.

— Capturou — repetiu Karou. — E onde avôs capturam... raposas cossacas zumbis?

— Na Rússia, é claro.

— É claro.

É a história de ninar mais assustadora e a mais pedida de todos os tempos do *děda*, o que não é pouca coisa, porque o *děda* tem *várias* histórias, todas *inteiramente verdadeiras*. “Quero que um raio caia na minha cabeça se eu estiver mentindo!”, é o que ele sempre diz, e nenhum raio o atingiu até agora. Além do mais, ele fornece “provas” de cada história que conta. Recortes de jornal, artefatos, bugigangas. Quando éramos crianças, Tomas e eu acreditávamos piamente que o *děda* tinha fugido de um golem furioso em 1586 (ele tem um pedaço de argila petrificada no formato aproximado de um dedão do pé), caçado a bruxa Baba Yaga pela taiga a mando de Catarina, a Grande (que lhe concedeu uma medalha da Ordem de São Jorge pelo trabalho) e, sim, encurralado uma marota raposa zumbi cossaca em um porão de Sebastopol nos últimos dias da Guerra da Crimeia. Prova dessa aventura? Bem, além da própria marionete, a cicatriz que enruga os nós dos dedos de sua mão esquerda.

Porque (pois é) essa é a história. A marionete... *morde*.

— Como assim, *morde*? — perguntou Karou.

— Se você colocar a mão na boca dela, vai levar uma mordida — expliquei, na maior tranquilidade.

— E *por que* eu colocaria a mão na boca da marionete?

— Porque ela não só morde. — E continuei, agora sussurrando: — Ela também *fala*, mas só se você deixá-la provar seu sangue. Você pode fazer uma pergunta, e ela vai responder.

— Qualquer pergunta — completou Tomas, também aos sussurros. Dois anos mais velho que eu, ele não demonstrava tanto interesse em ficar perto de mim fazia mais de uma década. É *possível* que tivesse algo a ver com minha estonteante nova melhor amiga, a quem ele vinha seguindo por toda parte como um criado fiel. — Mas cada pessoa só pode fazer uma única pergunta e mais nenhuma o resto da vida, então é melhor que seja boa.

— O que o seu avô perguntou? — quis saber Karou.

Era exatamente o que queríamos que ela perguntasse.

— Digamos apenas que tem um motivo para a marionete estar presa na caixa.

A história é elaborada e horripilante. Sério, se algum dia eu virar assassina ou algo do tipo, os jornais vão poder dizer: *Ela não teve a menor chance de ser normal. Desde o nascimento sua família perturbava a mente da pobre menina.* Porque, convenhamos, que péssimas histórias para ninar criancinhas! Sempre cheias de cadáveres e demônios e infestações, coisas fora do normal brotando dos ovos mexidos do seu café da manhã e sons de ossos se quebrando. Eu achava que todo mundo era assim, que toda família tinha seus tios harúspices secretos, seus combatentes ventríloquos da Resistência, suas marionetes que mordem. Geralmente o *děda* concluía suas histórias de ninar com algo assim: “E Baba Yaga continua à minha caça desde então.” Depois inclinava a cabeça como se estivesse tentando ouvir algo vindo da janela. “Isso não seria o som de *garras* no telhado, ou seria, *podivná*? Bem, devem ser só os corvos. Boa noite.” E então ele me beijava e desligava a luz, me deixando sozinha para dormir ao som do arranhar imaginário de uma bruxa comedora de crianças subindo no telhado.

Mas não poderia ter sido melhor. Quer dizer, quem eu seria se tivesse sido criada com histórias de ninar bobas e *não* fosse obrigada a tirar a poeira da prisão de vidro de uma raposa zumbi psicótica? Tremo só de pensar.

Posso usar vestidos com gola de renda e sorrir pétalas de flores e pérolas. As pessoas podem tentar me *afagar*. Vejo na cara delas que pensam isso. Minha altura provoca a reação que se tem ao ver um cachorrinho ou um gatinho — *Preciso apertar!* —, e descobri que, na impossibilidade de eletrificar a si mesmo, tal qual uma cerca, a melhor alternativa é ter olhos assassinos.

A questão é que eu não seria a “fada raivosa”, como Karou me apelidou, nem “*podivná*”, que é como o *děda* me chama. O apelido vem de *mucholapka podivná*, ou planta carnívora, em homenagem à minha “serena sede de sangue” e “paciente esperteza” em minha guerra vitalícia com Tomas.

Qualquer um que tenha um irmão mais velho pode confirmar: esperteza é necessário. Mesmo que você não seja em tamanho miniatura como eu — um metro e cinquenta se estou de bom humor, e um metro e quarenta e *um* quando desesperada, o que tem acontecido muito ultimamente —, a morfologia está do lado dos garotos. Eles são maiores. Mais fortes. Fisicamente, não temos a menor chance. Daí o surgimento, graças à evolução, do “cérebro de irmã mais nova”.

Astuciosa, maquinadora, impiedosa. Sem dúvida alguma, ser a irmã menor — e põe *menor* nisso — tem sido instrutivo, embora eu me orgulhe em saber que mesmo assim é Tomas quem carrega no corpo mais marcas e cicatrizes por anos se embolando comigo, não o contrário. Mais do que qualquer um ou qualquer outra coisa, porém, é o *dêda* o maior responsável pela paisagem que se abre em minha mente, pelo clima e o panorama, as torres e sombras. Quando penso em crianças (o que não acontece muito, a não ser para desejar que saiam de perto de mim, parando justo a tempo de não chutá-las para longe), a única coisa que me faria cogitar a ideia de... *gerar* uma (em teoria, e em um futuro muito distante) é a possibilidade de poder praticar com pequenos cérebros em desenvolvimento o mesmo grau de moldagem de mente que meu avô praticou conosco.

Também quero aterrorizar criancinhas! Também quero construir em suas mentes torres sinistras com sombras dançando pelos muros como marionetes, perseguidas por sussurros e sugestões do indizível.

Quero torturar futuras gerações com a Marionete que Morde.

— Ele perguntou à marionete como e quando iria morrer — contei a Karou.

— E o que ela respondeu?

Karou parecia apavorada, mas talvez eu devesse ter desconfiado, porque, embora só fôssemos amigas fazia alguns meses e eu não soubesse quase nada sobre ela, Karou era claramente inabalável. Mas a marionete era bem horrível, o barulho da tempestade era terrível, a vela irradiava um brilho débil.

O palco estava montado.

— Ela abriu os maxilares esqueléticos — falei, reunindo toda a minha teatralidade — e, com uma voz que pareciam folhas mortas voando por uma rua vazia, respondeu a ele, embora não tivesse como ela saber o nome do meu avô: *Você vai morrer, Karel Novak... QUANDO EU O MATAR!*

Nessa hora, Tomas deu uma sacudida na caixa de vidro de forma que a marionete parecesse pular. Karou soltou uma exclamação de susto, depois riu e deu um soquinho no braço dele.

— Vocês dois são terríveis — disse ela, e era para a história ter acabado ali. A peça que queríamos pregar nela (um tanto amadora, percebo agora) era só isso, mas... Karou levou mais um susto. E segurou meu braço. — Você viu isso?

— Isso o quê?

— Juro que ela acabou de se mexer.

E Karou parecia *bem* assustada, a respiração acelerada, e ela

apertava meu braço com força, olhando fixamente para a marionete. Tomas e eu trocamos um olhar, achando graça.

— Karou — falei —, a marionete *não* se mexeu...

— Mexeu sim. Eu vi. Talvez esteja tentando nos dizer alguma coisa. Minha Nossa, deve estar morrendo de fome. Há quanto tempo ela está na caixa, aliás? Vocês nunca dão comida a ela?

O olhar que Tomas e eu trocamos nessa hora foi mais do tipo *Hein?*, porque até aquele momento Karou aparentava ser uma pessoa bem normal. Ok, tem razão. Karou nunca pareceu *normal*, com aquele cabelo azul e as tatuagens e aquela mania de desenhar monstros o tempo todo, mas parecia mentalmente sã. Só que, com essa história de achar que a marionete-crânio pudesse estar *com fome*, começamos a duvidar disso.

— Karou... — tentei, mas ela me interrompeu:

— Espere. A marionete quer dizer alguma coisa. Estou sentindo.

Ela encarava a raposa, e então, hesitantemente, inclinou-se para a frente até que seu rosto ficou a uns trinta centímetros do vidro, e perguntou, com uma voz vacilante e gentil, como se estivesse falando com alguém caído na rua e não soubesse se era um bêbado ou um morto:

— Você está... bem?

Por um segundo, nada aconteceu. É claro que nada aconteceu. Era uma marionete dentro de uma caixa de vidro. Ninguém nem sequer a tocou. *Ninguém a tocou*, disse não tenho dúvida. Karou estava agarrada a mim, Tomas já tinha se afastado do armário e sei que *eu* não fiz nada.

E é por isso que quando, de repente, a marionete virou a cabeça na nossa direção e bateu os dentes, eu *gritei*.

Tomas também gritou, assim como Karou. Sabendo o que sei agora, louvo o talento malévolo dela por aquele grito. Nem por um segundo me ocorreu que *ela* pudesse ser a responsável. Afinal, por que eu pensaria isso? Ela nem tinha encostado na marionete. Todo o pavor da raposa cossaca que eu sentia na infância voltou à tona imediatamente. *Era verdade, era tudo bizarramente verdade, e se aquela história era verdade, talvez todas as histórias do dēda fossem e, ah, meu Deus, quantas vezes eu tinha pensado em quebrar o vidro, e se eu tivesse feito isso, será que estaríamos todos mortos àquela altura?*

Nem me lembro de sair correndo. Só me lembro de nós três do outro lado do quintal entrando aos berros pela cozinha e batendo a porta. Uma horda de tias, tios, primos e vizinhos enchia a casa por ocasião do Natal. Todos já bem familiarizados com as histórias do

dêda, eles caíram na gargalhada ao nos ver — adolescentes! — transtornados de pavor, balbuciando que a marionete estava *viva*.

— Não, sério, ela virou a cabeça. E bateu os dentes!

Ninguém acreditou. Para selar nosso destino, minutos depois Tomas voltou atrás e afirmou ter armado tudo.

— A cara de vocês foi ótima! — disse ele para nós duas, como se pudesse apagar de nossas mentes o próprio grito, estridente e aterrorizado.

E ficou com aquela cara convencida de *ah, crianças* que é tão irritante nos irmãos mais velhos e que era ainda pior naquele momento porque ele estava mentindo *descaradamente*.

Tomas viria a pagar caro por sua traição apenas alguns dias depois; mas aí já é outra história.

O que interessa *nesta* história é que nunca vou esquecer o som daqueles dentes afiados de raposa batendo três vezes em rápida sucessão, e nunca vou esquecer o terror perfeitamente claro que passou por mim quando, em um instante, vi voltar à vida minha crença em magia, morta havia muito.

Mas não duraria muito. Com o tempo, voltaria a ser apenas uma leve centelha de incerteza, mas eu tinha razão em acreditar. *Era* magia. Só não do tipo que imaginei.

A Marionete que Morde é apenas uma marionete, mas... Karou não é apenas uma garota.

Aquela véspera de Natal foi a primeira vez que presenciei o efeito dos scuppies, embora só fosse saber disso dois anos depois — por *dois anos* ela me deixou acreditar que a marionete estava com fome, aquela cara de pau —, quando, algumas semanas atrás, Kishmish surgiu em chamas na porta de Karou e morreu nas mãos dela.

Aquilo foi um... choque. Ver Kishmish morrer foi um choque. O simples fato de *vê-lo* já foi um choque, de descobrir que ele é real — ou *era* — e não apenas algum surto de loucura imaginativa de Karou. À primeira vista, parecia um corvo, mas, olhando bem, meu cérebro começou a enviar mensagens de erro: alguma coisa ali não batia, não era normal. E então: Ah, são as asas. Eram asas de *morcego*. E a língua. Era uma língua de *serpente*. Interessante, e isso era apenas o começo.

Não era só Kishmish. Tudo nos cadernos de desenho de Karou era real, e as contas africanas que ela sempre usava em um colar eram, na verdade, *desejos*. “Desejos praticamente inúteis”, quer dizer, já que scuppies são o tipo mais fraco. Ela está viajando agora, tentando se apoderar de desejos mais poderosos, mas antes de deixar Praga me deu um presente. Estou olhando para ele (*eles*) neste exato momento.

Na palma da minha mão estão cinco scuppies. São do tamanho de pérolas, todos de cores e texturas visuais diferentes uns dos outros, e indistinguíveis de contas africanas. Podem até ser praticamente inúteis, mas mesmo um único scuppy já seria mais magia do que já tive em minhas mãos antes, e eu tenho cinco.

Cinco pequeninas armas secretas para acrescentar uma pitadinha de magia a certo plano que estou maquinando.

Que plano?, você pergunta.

O plano de finalmente — finalmente, *finalmente* — conhecer o garoto do violino e deixá-lo de quatro por mim.

Eu, deixá-lo de quatro? Eu sei. As leis da selva e dos romances dizem que deveria ser o inverso, mas não vou esperar nem mais um segundo. Garotas tímidas que cresceram ouvindo histórias de princesas podem ficar sentadinhas piscando os olhos em um código Morse desesperado — *olhe para mim, goste de mim, por favor* —, mas eu não sou assim. Bem, para ser sincera, faz três meses que tenho agido assim, e para mim chega. O que aconteceu comigo? Quando Karou fala de borboletas no estômago e linhas invisíveis de energia e tudo o mais, debocho dela por ser uma romântica incorrigível, mas MEU DEUS DO CÉU. Borboletas! Linhas invisíveis de energia!

Sei como é.

Eu me sinto derretida, como um pepino esquecido na gaveta da geladeira. Tenho vontade de pegar a mim mesma com o braço esticado, cheia de nojo, e me jogar na lixeira. Quem é essa gosma derretida fingindo ser eu? Inaceitável. Se Karou pode, de uma hora para outra, sair em uma viagem para localizar as pessoas mais detestáveis do planeta e roubar desejos delas, então eu posso muito bem tomar a iniciativa com um garoto.

Sou uma fada raivosa. Sou uma planta carnívora. Sou Zuzana.

E meu golpe será fatal.

2

ESSE TIPO DE ALIENÍGENA

O que eu sei é o seguinte:

1. O nome dele é Mik.

2. Ele toca violino na orquestra do Teatro de Marionetes de Praga.

Em termos de fatos, é isso. É tudo que eu sei. Mas não estamos falando de fatos. Estamos falando o que eu estiver a fim de falar, então vou lhe dizer que Mik é uma daquelas pessoas que você olha e logo consegue imaginar como era quando criança. Sabe, tem gente que parece que nunca foi criança, que saiu de algum catálogo, já crescida; já outras você não precisa nem se esforçar para imaginá-las em um pijama de super-herói, descendo correndo as escadas na manhã de Natal. Mik é assim, do segundo tipo. Não que o rosto dele seja infantil, embora talvez até seja um pouco (mas só um pouquinho); é que o rosto de Mik tem um quê de direto, de verdadeiro, elétrico e *puro* que não se perdeu, aquela essência da infância, ainda intensa e não diluída. A maioria das pessoas perde isso. E fica toda domesticada e bancando a superior. Sabe aquelas pessoas que acham que ser *superior* é fazer ar de *entediado*? Elas agem como se fossem cientistas alienígenas que deram azar e acabaram obrigados a observar essa espécie inferior, os seres humanos, e por isso passam o tempo todo recostados na parede suspirando e esperando a hora de serem chamados de volta para casa, o planeta Zigborp-12, onde estão todos os maiores e mais fascinantes gênios.

Pois é, Mik não suspira nem fica recostado na parede. Mik está sempre de olhos bem abertos, como se algo incrível pudesse acontecer a qualquer instante e ele não quisesse perder a oportunidade de ver. Se ele for um alienígena, é um alienígena de um planeta cinzento e sem graça, sem pizza nem música, e *adora loucamente tudo isso aqui*.

Pois então, esse é um “fato” sobre Mik. Ele é esse tipo de alienígena. Informação obtida a partir de... hm, você sabe...

investigação casual. A distância. Ao longo de vários meses de observação sistemática. (Não chega a ser perseguição se você não segue a pessoa até em casa, certo?)

Mik fica vermelho quando toca violino. Isso pode ser considerado um fato, eu acho. Ele tem pele clara, com bochechas rosadas como se tivesse acabado de sair de algum lugar frio, uma pele que parece tão *macia*... Dá vontade de passar a mão, fazer carinho. Não que Mik seja sem pelos ou algo assim; ele tem costeletas e cavanhaque. É um *homem*, mas com, sei lá, *pele de princesa de desenho animado*. Nunca conte a ele que eu disse isso, embora eu esteja dizendo na melhor das intenções. Ele tem a pele de princesa *mais máscula* que existe.

Mik deve ter vinte e um ou vinte e dois anos e, embora não seja uma miniatura como eu, também não é alto demais. Pouco mais que um metro e setenta, talvez? Assim, a olho nu, ele me parece ter a altura perfeita para eu beijá-lo se estiver com saltos plataforma, embora, é claro, um teste empírico seja necessário para que eu possa emitir um certificado oficial de Compatibilidade de Beijo.

E esse certificado *será* emitido.

Em breve.

Ou é capaz de eu implodir.

Porque, para ser bem clara, o tipo de alienígena que *eu* sou é aquele que vem de um planeta de garotos-lesma babões e repugnantes feito macacos, em que as demonstrações de afeto por vias faciais correm o grande risco de se configurarem atos nojentos. Com isso quero dizer que... ainda não decidi conceder a graça de minha saliva a outro ser humano. Eu nunca... beijei ninguém. Ninguém sabe disso, nem mesmo Karou. É segredo. Minha antiga melhor amiga, que desconfiava, está agora enterrada a sete palmos. (Mentira. Ela está na Polônia. Eu não tive nada a ver com isso.) Até agora, os candidatos a beijo têm sido, na melhor das hipóteses, pouco tentadores. Alguns garotos dão vontade de tocar com a boca, e outros dão vontade de vestir uma daquelas máscaras cirúrgicas que todos na China usavam durante a gripe aviária. E o que mais se vê por aí são garotos do tipo gripe aviária.

Mas Mik dá vontade de tocar com a boca. Tocar a boca dele com a minha. Talvez o pescoço também.

Mas uma coisa de cada vez: primeiro tenho que fazê-lo saber que eu existo.

Talvez ele já saiba, ainda que seja algo no nível de “cuidado para não pisar naquela baixinha”. Trabalhamos no mesmo teatro nos fins de semana. Às vezes passamos bem perto um do outro. Só perto, sem

contato físico. A proximidade dele provoca em mim algo estranho e sem precedentes. Meu coração acelera, começo a prestar atenção demais à minha boca (como se tivesse sido *ativada para o trabalho*) e fico vermelha.

Um tempinho atrás, por diversão e maldade, Karou e eu ficávamos praticando nosso olhar sedutor de *você é meu escravo* com mochileiros que passavam pela praça do Centro Histórico, e devo dizer que acabei ficando muito boa nisso. Basta imaginar que você está enviando, dos olhos, pequenos raios magnéticos (ou anzóis: nojentos, mas igualmente eficazes), atraindo o garoto irremediavelmente até você. Funciona; experimente. Você tem que visualizar *mesmo* o raio saindo dos seus olhos e encontrando os dele, dominando-o, compelindo-o. Quando menos esperar, o garoto virá até você e seu novo desafio será se livrar dele. (Descobrimos que geralmente dá certo parecer nervosa, lançando vários olhares furtivos por sobre o ombro e suplicando, com ar misterioso e um sotaque tcheco supercarregado: “Eu imploro, vá embora agora, para sua própria segurança, por favor.”)

Quando Karou conheceu aquele cretino convencido do Kaz, nossas brincadeiras com os mochileiros chegaram ao fim, mas tudo bem. Eu já havia aperfeiçoado meu olhar. Em teoria, estou preparada. Mas, perto de Mik, meus poderes me abandonam. Não estou nem falando de olhares sedutores; perco minhas funções motoras básicas, como se meu cérebro concentrasse toda a atividade neural na *boca* e entrasse em modo de preparação de beijo cedo demais, em detrimento de coisas como falar e andar.

Então, embora eu pudesse tentar a opção mais normal, que seria ir lá falar com ele — “Como você toca bem, gato” é uma opção —, não confio que minha boca não vá me trair gaguejando coisas sem sentido até desistir e cair no silêncio ou fazendo biquinho, pronta para receber um beijo. Além disso, sempre tem gente por perto no teatro, potenciais testemunhas da minha humilhação, e isso é inaceitável. Não, preciso atraí-lo para fora dali, como um fogo-fátuo, aticá-lo para o coração da floresta até ele estar perdido e condenado. Sem a parte da floresta ou da condenação — apenas a atração. Como uma planta carnívora que diz *Sou uma flor deliciosa, venha me provar* e então... *nhac!* Devora sua presa. Sem a parte de devorar.

Bem, talvez *um pouco*.

Aqui vamos nós. Tenho scuppies no bolso e paixão no coração.

É hoje.

TRATAMENTOS PARA A CALVÍCIE FEMININA

Mando uma mensagem para Karou: *É hoje.*

A resposta dela chega na mesma hora, o que me faz sentir como se ela estivesse na cidade, no apartamento dela, no Veneno ou algum lugar assim — o que está longe de ser o caso. Ela escreve: *Você vai triunfar. Você é Napoleão. (Antes de Waterloo, é claro. E mais bonita.)*

Hmm. Escrevo de volta: *Está querendo dizer que eu devo... atacá-lo?*

Karou: *Isso. Use sua deslumbrância e ele vai ficar atordoado. Vai ver que a vida dele até o momento foi como um mero ensaio para a chegada da deusa. Para Mik, a vida de verdade começa HOJE.*

Um pouco exagerado, talvez, mas agradeço o voto de confiança. *Onde você está, sua louca?*

África do Sul. Tentando encontrar um caçador. Acho que ele não quer ser encontrado.

Isso não parece nem um pouco... perigoso.

É divertido!, responde ela. *Alguém roubou minha escova de cabelo do quarto do hotel e deixou uma cobra morta pendurada na maçaneta. Pela boca.*

Eu: *HEIN?*

Karou: *Só mais um dia na África. Melhor eu procurar um curandeiro para uma remoção de feitiços geral. Espero não ter que beber sangue desta vez.*

Eu: *Sangue? Que tipo de... Esquece. Não quero saber. NÃO quero.*

Ela: *Humano. Dã.*

Eu: *DROGA.*

Ela: *Brincadeira. Nada de beber sangue. Tenho que ir. E VOCÊ: tenha uma noite espetacular se apaixonando. Quer trocar de vida comigo?*

Isso me fez parar por um segundo, porque é o mais perto que Karou já chegou de se lamentar desde aquela noite em que vimos um fogo azul consumir por completo aquele portal em Josefov, bem na

nossa frente. Ela ficou em choque, triste e *furiosa*, mas nunca deixou escapar nem uma pontinha de autopiedade. Por um único dia se deixou vacilar, abraçando a si mesma e encarando o vazio, mas depois enterramos Kishmish no parque Letná, e então ela meio que arrancou a apatia do rosto, forçou os olhos a focarem no que havia adiante e traçou um plano de ação. O que, por sua vez, me inspirou a pensar em um também, mas, claro, o meu envolve mais *beijar* e menos *beber sangue*. E é isso aí.

Digito: *Se eu disser “não”, vou deixar de ser uma boa amiga?*

Ela: *Nunca. Mas guarde cada detalhe. Preciso muito de contos de fadas no momento. Contos de fadas raivosas.*

Eu amo Karou. Escrevo de volta: *Prometo. Por favor fique bem*. E a conversa termina aí, porque ela não responde. Imagino-a tirando da maçaneta uma cobra de boca aberta, para entrar em um quarto de hotel solitário em algum lugar da África. Sinto um misto de crença e descrença, um impulso de tentar protegê-la e uma tristeza por ela. Sinto-me perdida. Culpada. Parte de mim acha que eu deveria estar junto com ela nessa louca caçada em que se meteu, mas sei que não fui feita para isso. Não sei lutar, nem falar zulu ou urdu nem nenhuma dessas línguas, então acabaria dando trabalho, pois ela ficaria preocupada em me proteger; além do mais, eu me ofereci. Ela não aceitou. Disse que sou sua âncora: preciso conectá-la ao “mundo real”, continuar na escola, mantê-la atualizada sobre Wiktor, a múmia ambulante, e sobre os pelos do nariz do professor de química, e lhe contar se Kaz se atreveu a dar as caras no Sabor de Veneno.

E Mik. Preciso falar com Mik. Ela insistiu bastante nisso.

Se tudo der certo hoje à noite, *vai* haver uma interação verbal. Em algum momento vamos chegar lá. Espero. Só não vai começar assim. Vai começar com um desenho. Estou há semanas trabalhando nesse desenho, refazendo-o várias e várias vezes, e finalmente fiquei satisfeita com o resultado: um desenho digno de dar início a um caso de amor.

Caso de amor. Não parece coisa de gente de meia-idade? E algo malfadado. Como se *malfadado* fosse um prefixo padrão para *caso de amor*. Bem, não tenho problema quanto ao malfadado, desde que seja um caso de amor malfadado *pleno e substancial*, em vez de insípido e sem vida. Não estou interessada em destino. Tenho dezessete anos. Estou interessada em beijar e avançar algumas casas no tabuleiro. Sabe, VIVER um pouco.

(Com a boca e a língua.)

O desenho está na minha bolsa, junto com meus outros...

acessórios cenográficos. Alguns deles já foram posicionados pela cidade. Eu precisava ter tudo pronto antes de ir trabalhar, e vou trabalhar... *agora*.

Olá, Teatro de Marionetes de Praga. Apenas mais um sábado. Estou só subindo a escada com minha bolsa, nenhuma conspiração por aqui...

Ah, meu Deus, lá está ele.

Gorro de lã, casaco de couro marrom, estojo do violino. Bochechas rosadas pelo frio. Que belo exemplar de ser humano. Ele é como uma boa capa de livro, que prende seu olhar. *Leia-me. Sou divertido e inteligente. Você não vai conseguir me deixar de lado.* Ele caminha meio que saltitando, de leve. É a música. Mik está com fones de ouvido — daqueles grandes e sérios, não dos pequenininhos que ficam dentro da orelha. O que será que ele está ouvindo? Provavelmente Dvořák ou algo assim. Está com uma gravata rosa. Por que não estou achando horroroso? Eu detesto rosa. A não ser nas bochechas do Mik.

Olá, bochechas do Mik. Em breve vamos nos conhecer melhor.

Aaah! Contato visual. Desvie o olhar!

(É sério que ele acabou de... *corar*?)

Pés, me ajudem aqui. Estamos em rota de colisão. A não ser que tomemos medidas evasivas imediatas, vamos nos encontrar bem na porta.

Pânico!

Ei, veja só este cartaz fascinante na parede! Preciso parar aqui e destacar um dos papeizinhos com um número de telefone para que eu possa ligar e saber mais sobre os efeitos surpreendentes de...

Tratamentos para a calvície feminina?

Maravilha.

— Não é para mim — digo sem pensar.

Mas o perigo já passou. Enquanto eu olhava extasiada para o cartaz sobre calvície feminina, Mik entrou no prédio.

Essa foi por pouco. Nós dois quase — como Karou diz — “entramos no campo magnético um do outro pela primeira vez”. Ele teria que segurar a porta para eu passar. Eu teria que agradecer com um aceno de cabeça, um sorriso, um *muito obrigada*, e então seguir por todo o corredor na frente dele, me perguntando se ele estaria olhando para mim. Sei bem no que isso ia dar. De repente eu começaria a prestar atenção nos diversos músculos envolvidos na arte de andar e tentaria conscientemente controlar cada um deles como um titereiro, ou seja, ficaria parecendo que vivo em um corpo emprestado que ainda não aprendi a manipular direito.

Assim, no entanto, posso caminhar pelo corredor olhando para *ele*.
Olá, costas do Mik.

No estojo do violino dele tem um adesivo com os dizeres:

TUDO É UM MILAGRE. É UM MILAGRE AS PESSOAS NÃO
DERRETEREM DURANTE O BANHO.
— PICASSO

O que realmente não me faz imaginar Mik tomando banho. Porque isso seria errado.

Tchau, costas do Mik.

Ele entra em sua sala e eu, na minha, e assim se perpetua por mais uma noite uma das maiores injustiças do mundo: a segregação entre músicos e titereiros.

Eles têm a sala deles nos bastidores, e nós temos a nossa. É como se alguém tivesse medo de que haja brigas entre os dois grupos. *Estou vendo um violoncelista no nosso território, vamos atacá-lo!* Mas o mais provável, ainda que menos interessante, é que essa separação tenha sido instaurada apenas por uma questão de espaço. Nenhuma das duas salas é muito grande: são apenas cômodos sem janelas com armários e alguns sofás sem graça. Os sofás dos músicos são um pouco mais sem graça do que os nossos, o que indica a hierarquia em vigor aqui. Os titereiros mandam no galinheiro, embora não seja um galinheiro muito elegante. Em geral os músicos respeitam o status que têm (isto é, de facilmente substituíveis), mas os cantores... nem tanto.

O que me faz detestar quando trabalhamos em óperas — como agora, em que estamos ensaiando *Fausto*, de Gounod — não é uma questão de gosto pessoal. Não sou uma filisteia. Só não gosto de *cantores* de ópera. E gosto ainda menos de sopranos italianas sedutoras que exageram no lápis de olho e saem para tomar drinques com a seção de cordas depois do show. *Isso mesmo*, Cinzia Polombo e sua pinta falsa para se fazer de charmosa.

Enfim. São os titereiros que mandam por aqui. Ao todo são dez, seis dos quais encontram-se neste momento na sala em que estou entrando, ou seja, praticamente não tem mais espaço aqui.

— Zuzana — diz Prochazka no segundo em que me vê. — Mefistófeles apareceu bêbado de novo. Você se importa de substituí-lo?

Bêbado maldito. Em um dia de trabalho! Que fique bem claro, não sou titereira. Sou uma *artesa* de marionetes, uma espécie

completamente diferente. Alguns titereiros fazem as duas coisas: constroem e manejam as marionetes. Mas minha família sempre trabalhou só com a fabricação, com a lógica de que você pode ou ser bom em duas importantes formas de arte ou se destacar em uma. Nós nos destacamos. Destacadamente. Ainda assim, convém a um artesão de marionetes entender da arte de titerear. Meu professor no Liceu — Prochazka, que por acaso é também o principal titereiro deste Teatro — exige experiência teatral prática, então aqui estou eu. Ajudo os titereiros, troco as cordas das marionetes, retoco a pintura, conserto as roupas e empresto um par de mãos extra para movimentos fáceis como pássaros voando ou o bater dos cascos dos cavalos.

Neste caso, Mefistófeles está com uma corda solta, fazendo-o tombar para um lado como um bêbado. É um conserto fácil.

— Claro.

Guardo minhas coisas no armário, tomando mais cuidado do que o normal com o que tem dentro da bolsa.

Quando a sala se esvaziar — os titereiros forem para o palco e os músicos, para o poço da orquestra —, tenho algo furtivo a fazer. Só de pensar nisso meu coração dispara.

Preciso arrombar o estojo do violino de Mik.

Pego meu kit de ferramentas. Primeiro tenho um bêbado a endireitar.

DRÁSTICO

Segundo ato. Mefistófeles está cantando. Envio uma mensagem para Karou: *Faça a gentileza de confirmar: se alguém é mau, então matá-lo não é assassinato. É JUSTIÇA, e não só está dentro da lei como também é encorajado. Certo?*

Nenhuma resposta.

Após um minuto, envio outra mensagem: *Vou tomar seu silêncio como um SIM. Estou afiando a faca. Responda agora se quiser me impedir. 3... 2... 1... Então tá. Lá vou eu.*

Ainda nada de resposta.

Uma última mensagem: *Está feito. Estou arrastando uma cantora de ópera pelo cabelo até o taxidermista. Minha ideia é empalhar a maldita e colocá-la em cima da TV da tia Nedda.*

Por um instante minha frustração com relação à soprano desaparece sob a preocupação com Karou: o que será que ela está fazendo na África do Sul que não pode responder às minhas mensagens? Será um caçador ou curandeiro desta vez? Como não consigo imaginar nenhum dos dois, volto a ficar frustrada.

ARGH! Prochazka me fez correr de um lado para o outro durante o primeiro ato, depois tive que ajudar a trocar os cenários, e, justo quando eu ia escapular, Hugo precisou fazer xixi e me entregou Siebel, mesmo eu não estando autorizada a manipular uma marionete durante os shows! Pelo menos não precisei fazer nada, só segurá-la, e, quando Hugo voltou, consegui fugir — voltei à sala dos titereiros para pegar meu desenho e então... quando eu estava prestes a entrar furtivamente na sala dos músicos...

— Com licença. Ei, garota!

Cinzia Polombo apareceu na porta. *Garota?* Ela chegou a estalar os dedos para me chamar. Juro. Mas a coisa só piora. Ela me entregou uma xícara de café vazia e disse, com um exuberante e imperioso R de

estrangeira:

— *Rrrrápido.*

Aham. Pode deixar.

Pode até ser que alguém já tenha enchido uma xícara de café com guimbas de cigarro mais rápido do que eu hoje, mas duvido muito.

— Não é o que você queria? — perguntei, com o ar mais inocente do mundo, quando ela soltou uma exclamação de susto, parecendo perplexa.

— Café! Eu quero café!

— *Ahhh.* É claro — falei. — Faz muito mais sentido. Já volto.

E voltei rápido mesmo. Então lhe entreguei a xícara, agora cheia de guimbas de cigarro e café, e fui embora.

— *Disgraziata!* — gritou ela, virando a xícara e despejando tudo no chão.

Continuei andando, e voltei para a sala dos titereiros, onde estou sentada agora no mais sem graça dos dois sofás sem graça, frustrada. Cinzia continua na sala dos músicos, onde não deveria estar. A qualquer minuto vão dar a deixa para ela entrar em cena. O que essa mulher está fazendo lá, além de xingar em italiano? Vou perder a minha chance!

Meu telefone vibra. É Karou. Finalmente. Ela escreve: *Vá ao taxidermista de Ječná. É o melhor com humanos.*

Perfeito, respondo. Obrigada pela dica. Encontrou o caçador?

Karou: *Para tristeza dele.*

Desejos?

Como se tivesse ganhado um prêmio de shings num caça-níqueis. Mas nada mais forte que isso.

Que droga. Ela está procurando desejos mais poderosos, e sei que shings são só um pouco mais fortes que scuppies. Digito: *Bem, melhor do que nada, não?*

Pois é. Estou morta. Vou dormir. VÁ EM FRENTE E TRIUNFE!

Mais uma vez não faço a menor ideia do que pode ter acontecido na África do Sul. Quanto ao taxidermista, por um segundo penso em procurar se existe mesmo um em Ječná, mas depois esqueço isso. Se Karou tivesse o hábito de empalhar humanos, aquele panaca do Kaz não estaria mais por aí.

Agora que me lembrei de Kaz, e já que continuo ouvindo a trilha sonora de uma soprano irritada xingando em italiano, fico pensando o que eu faria neste momento com um suprimento ilimitado de scuppies. Sério, Karou foi bastante comedida. Se fosse *eu*, não confiaria em mim mesma. Afligiria as pessoas com coceiras a cada

segundo, à menor provocação. Imagine só. Com o poder da coceira — melhor ainda, o poder da coceira na *fenda* —, eu estaria no controle de qualquer situação.

Talvez não *qualquer uma*. Isso não me ajudaria muito com Mik.

Enfim. Não vou desperdiçar nenhum scuppy com Cinzia Polombo. Vou guardá-los para encantar Mik.

SE ALGUM DIA EU CONSEGUIR ABRIR A PORCARIA DO ESTOJO DO VIOLINO DELE.

Finalmente: uma porta batendo, pés pisando duro, e Cinzia está fora do caminho. Pego meu desenho — está enrolado como um pergaminho, as pontas queimadas, e amarrado com uma fita preta de cetim — e vou sorrateiramente até a sala dos músicos. Pela porta entreaberta, vejo que não tem ninguém lá dentro. Não faz sentido esperar. Entro de uma vez e vou logo abrindo os armários, pois sei que, se alguém entrar, vou parecer totalmente uma ladra. Não sei qual é o armário do Mik, e é impossível abrir e fechar portas de metal sem fazer barulho, sem contar que alguns têm cadeados, então só posso torcer para dar sorte...

Então eu encontro. *Tudo é um milagre. É um milagre as pessoas não derreterem durante o banho.*

Tudo é um milagre, é? No fim da noite eu lhe digo.

Abro o estojo do violino e coloco o pergaminho lá dentro. Fecho o estojo, depois o armário, e me afasto. Hora de fugir. Saio em disparada pela porta, desvio da poça de café com guimbas de cigarro que Cinzia deixou no chão e volto depressa para a sala dos titereiros, onde respiro fundo. Mais uma vez. E mais uma. Então visto o casaco e pego as minhas coisas.

Este é o momento em que deixo o Teatro de Marionetes, talvez para sempre. Sinto-me como um bravo partidário da Resistência que tivesse acabado de plantar uma bomba e agora saísse, de forma cinematográfica, sem olhar para trás. Porque eis o que decidi: se as coisas não correrem bem esta noite, nunca mais voltarei aqui. É a única maneira de eu conseguir fazer isso, eliminando a possibilidade inevitável de constrangimento. Assim eu nunca mais veria Mik novamente. Nada de sentir vergonha, de ficar vermelha.

Nada de ficar vermelha.

De repente percebo que há uma grande possibilidade de nunca mais ver Mik corar de novo, e isso... faz meu coração doer. Meu coração nunca doeu antes. É uma dor real, como um hematoma bem feio, uma dor que me pega desprevenida. Sempre achei que as pessoas estivessem inventando isso. Então penso em beijos e fogos de artifício

e todas essas coisas que sempre achei que fossem invenção dos outros. E a dor volta, porque é isso aí, o plano já está em ação e logo vou saber, de um jeito ou de outro. Ou ele irá ao meu encontro ou não.

E se ele não for?

Ah, céus. Drástico demais? Talvez eu devesse apenas confiar na eficiência da paquera tradicional: ficar vermelha toda hora, deixar o tempo passar, esperando e me consumindo de desejo, sempre alerta para captar algum sinal de interesse até ter a chance de puxar alguma conversa boba. (“Já experimentou esse tratamento para calvície feminina? Ouvi falar que é incrível.”) E talvez, depois de mais um tempo, a conversa fiada se tornasse um convite para tomar café em algum lugar... Ou talvez a fase de corar nunca acabasse e nada mais acontecesse, drástico ou não, e seria como em um daqueles seriados de TV que esticam a tensão sexual entre os personagens por tanto tempo que as pessoas param de se importar, e tudo se reduz a pó.

Não. Não posso aguentar essa história de pó, conversa fiada ou café. Tem que ser drástico. De um jeito ou de outro, hoje à noite vou saber.

Tenho vontade de ir até os bastidores e dar uma espiada no poço da orquestra uma última vez, mas, se eu fizer isso, um dos titereiros vai acabar me chamando para fazer alguma coisa e não conseguirei escapar. Ainda assim, paro na entrada do palco e presto atenção: ouço Cinzia cantando como Margarida, uma personagem trágica corrompida por um pacto com o diabo. Ela parece ter dominado sua ira de diva e está cantando bastante bem — para uma soprano de terceira categoria cantando em um teatro de marionetes, ao menos —, mas não é isso que eu quero ouvir. Tento encontrar o som do violino.

E lá está, o som que emerge da música como um feixe de luz atravessando a escuridão. É doce como o amor, tão bonito que dá vontade de chorar, e é como se todo o meu ser formasse as palavras *por favor*.

Não acredito em orações, mas acredito em magia, e quero acreditar em milagres.

Por favor, vá me encontrar, penso para o outro lado da parede, mandando as palavras em direção àquele som puro e doce e ao garoto puro e doce que o está produzindo.

Então saio do teatro.

Está nevando. Passo o cachecol em volta do rosto e sinto uma espécie de paz. Baixei minhas cartas.

Agora é com ele.

ELE

OLHOS DE VODU

As cortinas se fecham. A música vai diminuindo e os aplausos tomam conta, e, quando abaixo meu violino, sinto que mais um sábado vai passar devagar como um gato entediado em cima de um muro.

Não sou fã de gatos. Com uma forte exceção. Wolfgang estabeleceu um padrão alto demais, mas morreu quanto eu tinha dez anos, e todos os gatos desde então têm sido fonte de decepção. Você estende a mão e eles ficam só olhando, e, como não são idiotas, essa atitude só pode ser interpretada como deboche.

Pois é, colega, isso aí é sua mão. Você tem duas delas. Meus parabéns.

Em vez de: *Ah, você quer fazer carinho em mim? Vou chegar mais perto então, porque eu também gosto de você.*

É isso que tem acontecido comigo e as noites de sábado ultimamente. Elas só olham para a minha mão estendida até que eu, envergonhado, mudo de ideia e tento fingir que não queria nada com elas mesmo. Aquilo que eu desejo constantemente que aconteça não acontece. O destino está debochando de mim? Talvez.

Talvez esta noite seja diferente. Não começou bem, mas sempre há esperança.

— Festa no Stoooge's — diz Radan quando estamos saindo, em fila, do poço da orquestra.

Isso me traz o oposto de esperança. É o gato me encarando, porque provavelmente é onde vou parar esta noite, e, se eu for mesmo, isso significa mais um sábado em que *ela* terá escapado por entre meus dedos. *Ela* não vai estar no Stoooge's, nunca estaria lá. Não sei aonde ela vai depois do trabalho, mas imagino estrelas, névoa e salões espelhados, e quero estar lá também.

Quero fazer coisas misteriosas e improváveis ao lado de uma garota bonita e destemida que parece uma boneca trazida à vida por um feiticeiro.

Será que é pedir muito?

No corredor, olho em volta à procura dela, mas não a vejo. A porta para a sala dos titereiros está aberta; ao passar, noto que ela também não está lá. Será que eu já a perdi? Provavelmente.

Não posso culpar o destino, sei disso. É só minha estupidez sufocante. Por que não consigo simplesmente ir lá e falar com ela? Eu ia tentar fazer isso hoje, quando estávamos entrando no teatro. É constrangedor, mas fiquei esperando embaixo do toldo do outro lado da rua até vê-la chegando. Só por alguns minutos. Não foi esquisito. Mas na verdade, eu nem saberia o que dizer. Provavelmente alguma coisa idiota, como: “Parece que vai nevar.” Ou talvez: “Eu gosto de bolo.” (Ela gosta de bolo. Essa é uma das quatro coisas que sei sobre ela. As outras são: 2, o nome dela é Zuzana; 3, ela está no último ano do Liceu, então deve ter uns dezoito anos, ou seja, é nova mas não nova demais; e 4, ela é capaz de gelar o sangue de alguém só com o olhar. Já vi isso acontecer, embora não fosse eu o alvo do olhar congelante. Ela tem olhos de vodu, e é mais do que ligeiramente intimidadora. Daí toda essa história de ainda-não-falei-com-ela.) Mas, idiota ou não, eu não falei nada, porque ela parou de repente para ver um cartaz na parede, e eu não sabia o que fazer além de continuar andando.

Droga.

Fiquei curioso para ver sobre o que era o cartaz. Vou ter que dar uma olhada quando estiver saindo. Se bem que eu não sei se quero saber. Tenho medo de que se confirmem minhas suspeitas de que ela estava só tentando me evitar.

Na hora em que entro na sala dos músicos, alguém grita meu nome. Eu me encolho, tenso.

— Mik!

Cinzia. *Miiiiik*, guincha ela. E ela surge na minha frente e eu me encolho de novo. Não consigo evitar. Quando Cinzia me olha, é como se eu tivesse na minha testa o ponto vermelho da mira de um fuzil. Abaixei-se, joguei-se no chão, rolei para o lado.

— Eu não me sair bem esta noite? — pergunta ela, com uma expressão exagerada de tristeza.

Tudo em Cinzia é exagerado, do lápis de olho ao jeito de andar: cada passo é um balançar do quadril como que jogando longe um espectador invisível.

— O quê? Hã... Você foi ótima.

Tudo que uma soprano espera ouvir ao fim de uma apresentação. *Você foi ótima.*

— Eu levar um choque, ser difícil ficar calma e cantar.

Não tenho a menor intenção de perguntar que choque foi esse, mas ela já começou a explicar. Estou abrindo a porta do meu armário, sem ligar muito, quando ouço as palavras *garota das marionetes*. De repente começo a prestar atenção.

— Ela fez o quê? — pergunto.

— Eu mandar trazer café e ela me dar xícara cheia de cigarros. Acredita?

Na verdade, não.

— Você a mandou trazer café? — É nessa parte que não acredito. Será que Cinzia não notou os olhos de vodu? — Ela não é da copa. É artesã de marionetes.

Cinza não diz nada por um momento, confusa.

— Não. A garota, a baixinha.

— Sim, a baixinha. — É ridículo, mas me sinto possessivo ao falar dela. Acho que essa é a *primeira* vez que falo dela, e não tenho a menor vontade de ter essa conversa com Cinzia. — De qualquer forma, aqui cada um pega o próprio café.

Cinzia franze as sobrancelhas, confusa.

— Ela colocar cigarros no meu café — repete ela, como se eu não tivesse entendido direito.

Tento conter um sorriso, porque, bem, colocar cigarros na xícara de Cinzia é o que faria qualquer um que tem a autonomia de fazer o que bem quer. Devo deduzir que Zuzana é o tipo de pessoa que faz o que bem quer? Isso não me parece muito favorável para o meu lado, porque, nesse caso, ela já teria falado comigo a essa altura se tivesse algum interesse, certo?

Que patético e passivo, ficar esperando que ela venha falar comigo. Não é assim que eu quero ser. Quero ser o protagonista de um filme que, sei lá, sai para passear com seu coelho de estimação em uma coleira (eu não tenho um coelho) e sabe exatamente como puxar uma conversa diferente e interessante. Embora talvez, se eu estivesse passeando com um coelho em uma coleira, não precisasse nem falar; o coelho daria conta disso. Não que Zuzana pareça do tipo que goste de coelhos. Talvez se eu estivesse passeando com uma raposa em uma coleira. Ou uma hiena. Bem, se eu tivesse uma hiena, provavelmente nunca mais precisaria puxar conversa.

A não ser para dizer: “Lamento que minha hiena tenha comido sua perna.”

Pego do armário o estojo do violino, abro-o e... Tem alguma coisa aqui dentro. Parece um pergaminho, com as pontas queimadas como

um mapa do tesouro de piratas. Algum convite de festa enigmático, será? Sei lá. Acho que fico olhando para o pergaminho por tempo demais, porque Cinzia segue meu olhar, e o que ela diz em seguida altera a atmosfera:

— *Ela* estava com isso! — declara, em um tom triunfante de denúncia. — A baixinha. *Ela* estava com isso quando eu dar xícara de café.

O quê? Zuzana? Meu cérebro processa devagar a informação. Como é possível que... algo que estava com Zuzana... tenha ido parar no estojo do meu violino?

A esperança é titubeante. O gato não se aproxima, mas é possível que esteja olhando para minha mão estendida com algo semelhante a interesse.

Também é possível que seja apenas um engano.

Cinzia tenta pegar o pergaminho. Sem pensar, afasto sua mão — gentilmente — e, quando olho para seu rosto, vejo que suas narinas estão dilatadas. Ela está me encarando com um olhar de *como ousa?*, segurando a própria mão como se eu tivesse acabado de lhe dar uma martelada. Não peço desculpas. Estou segurando com muito cuidado o pergaminho, como se fosse uma relíquia. As pontas escuras se esfrelam sob meus dedos.

Não parece um engano. Parece uma porta aberta por onde entram lufadas de ar fresco.

— O que é isso? — pergunta Cinzia.

Não sei o que é. Quero muito saber, mas não quero que Cinzia saiba, nem Radan, nem George, nem Ludmilla nem qualquer uma dessas pessoas que estão aqui na sala, com ar de ligeiramente interessadas.

— Nada — digo, guardando o violino e o arco.

Visto o casaco e coloco a mochila nas costas, o tempo todo sem soltar o pergaminho. Só o troco de mão, pois sei que Cinzia com certeza tentaria pegá-lo e se sentiria no direito de abri-lo. Se isso acontecesse, *aí sim* talvez eu desse uma martelada na mão dela. Guardo o pergaminho no bolso interno do casaco, ignorando o olhar cheio de ódio que Cinzia me lança.

— Vejo vocês amanhã — digo.

Radan fica surpreso.

— Não vai à festa? — pergunta.

— Não — respondo.

Porque, seja lá o que estiver escrito no pergaminho, para mim já chega dessas noites sem graça de sábado, do Stooage's, de tentar

impedir Cinzia de sentar no meu colo, de passar o tempo todo imaginando uma realidade alternativa em que uma boneca de porcelana com olhos de vodu talvez esteja tomando chá com uma sombrinha aberta para se proteger da neve em um barco sem remos que desce o Vltava.

Ou, você sabe, algo um pouquinho mais provável que isso.

6

CARPE NOCTEM

Penso em ir ao banheiro para ler o pergaminho com privacidade, mas da porta dá para ver a sala dos músicos e noto que Cinzia ainda me observa com os olhos apertados, então saio do teatro. Está nevando. Paro na escada para ver sobre o que era o cartaz que chamou a atenção de Zuzana hoje mais cedo.

Não está mais lá.

Era uma folha vermelha com números de telefone para destacar na parte de baixo. Agora, no lugar do cartaz, está uma folha branca de papel com a margem irregular. Arrancada de um caderno? Não tem pauta, então: um caderno de desenho. Tem alguma coisa escrita em letras bem pequenas no meio. Preciso chegar perto e apertar os olhos para ler. Diz:

*Observe com olhos reluzentes o mundo à sua volta
porque os maiores segredos estão sempre escondidos nos lugares mais
improváveis.*

Aqueles que não acreditam em magia nunca encontrarão.

— Roald Dahl

E eu sei, sei que é para mim. Uma mensagem. Mas o que devo ver? Na rua, vejo figuras de cabeça baixa passando às pressas pela paisagem coberta de neve. Nenhuma delas chama minha atenção. Entre os prédios se vê a faixa negra que é o rio, e as luzes do castelo fazem o céu baixo brilhar. A neve que cai é como um pó bem fino soprado pelo vento, tal qual em uma coreografia de *O quebra-nozes*. Se eu deveria ver alguma coisa em especial, não sei o que é, mas sei que meus olhos estão abertos. Não sei se estão reluzindo, mas o mundo está.

Tiro da parede a folha de caderno, com cuidado para não rasgá-la

ao descolar a fita adesiva. Enrolo-a e guardo-a junto com o pergaminho no meu casaco. Depois corro até um bar do outro lado da rua, onde nem mesmo peço uma bebida ou me sento à mesa. Não vou demorar por aqui, espero. Pego o pergaminho do bolso, tiro a fita de cetim preta e... abro-o.

E lá está ela.

Um desenho lindo de um rosto lindo. Seus olhos grandes e escuros parecem cheios de expectativa. Ela não está sorrindo, mas também não está *não* sorrindo. Nada de olhar vodu de congelar o sangue. Há calor neste olhar, e ela está olhando direto para mim. Quer dizer, é um desenho, óbvio (se foi ela quem fez, e suponho que sim, então é realmente talentosa), mas é um desenho *para mim*, e parece disparar faíscas em minha direção, como um contato visual real. Quando se trata de contato visual, a intensidade da faísca se deve a... sei lá, química, seja lá o que isso signifique. Há graduações de força e energia, dependendo dos olhos em questão, e, embora seja apenas um desenho feito a lápis, há energia ali. E força.

A princípio só tenho olhos para o rosto, mas então percebo o que é aquilo que estou vendo. O que é isto que recebi. O rosto dela está no meio, mas um diagrama cobre toda a página: ruas e pontos importantes, cuidadosamente desenhados e indicados. A primeira impressão que tive, ao ver o pergaminho amarrado com uma fita, foi a de estar olhando para um mapa do tesouro, e... é isso mesmo.

É um mapa do tesouro. E qual seria o tesouro? Lá está ela, no meio da página, o X marcando o alvo.

Zuzana é o tesouro.

Um pensamento sombrio me ocorre: isso tudo pode ser um trote, obra de algum amigo meu, mas logo elimino essa hipótese. Nenhum dos meus amigos sabe desenhar. Além disso, nenhum deles nem sabe que eu quero conhecê-la. Nunca falei dela, por medo de brincadeiras de bastidores de calibre adolescente, e *acho* que não fico olhando para ela. (Quando tem gente vendo.)

Não. Tem que ser verdadeiro.

Então faço aquela coisa estranha que as pessoas fazem quando recebem uma boa notícia estando rodeadas de estranhos: olham em volta para os outros, sorrindo como idiotas, e eles olham de volta, *sem* sorrir como idiotas, e têm a sensação de que precisam contar a eles, contar para *alguém*. Quase levanto a folha de papel e digo: “A garota de quem eu gosto me deu um mapa do tesouro que leva até ela!”

Mas isso não se faz. Simplesmente não se faz.

Então eu não faço.

(Ok, eu faço *sim*, mas imediatamente tenho vontade de voltar atrás. O grupo de estranhos não se comove com minha alegria. Na verdade, acho que aquele cara de chapéu é o Inimigo de Toda a Alegria do Mundo e pode me seguir para tentar me matar.)

Recomponha-se, Mik. Você tem um mapa a seguir.

Dou as costas para o Inimigo de Toda a Alegria do Mundo (partindo do princípio de que a maioria das pessoas que parecem querer matar você provavelmente não vai fazer isso) e analiso o mapa. Meu mapa. Porque foi feito para mim. Por Zuzana. Não, não estou me gabando. Apenas apresentando os fatos, para o caso de você ter se distraído por alguns minutos e perdido o fio da meada. Zuzana fez um mapa para me levar até ela.

E em um pequeno balão que sai da cabeça dela aparece o seguinte texto em letras pequenas:

Carpe noctem.

Agarre a noite.

Então eu pisco devagar, sentindo uma onda de certeza e entusiasmo, porque é claro que é isso que alguém faz quando quer alguma coisa. Agarra.

Bem, talvez não todas as coisas. Gatos, por exemplo, não gostam muito de serem agarrados. Garotas provavelmente também não. Então esse pode não ser um bom lema para a vida, mas, para as noites de sábado em geral, e esta em particular, funciona.

Meus olhos não param de voltar para o rosto de Zuzana. Noto ali um sorriso pendente, acho: um leve repuxar no canto esquerdo da boca, como um sorriso em pausa. Quero apertar “play” e observá-lo se abrir. Então como faço isso? Aonde vou? Palavras. Lugares. Foco, Mik. Pare de sorrir.

Encontre-a.

Estou no Bairro Pequeno agora. O Teatro de Marionetes de Praga fica na praça do Centro Histórico, à sombra da Igreja de São Nicolau, e o mapa é da Cidade Velha, então sigo para o outro lado do rio.

A ponte Carlos é um daqueles lugares que nunca envelhecem. Dia ou noite, chova ou faça sol, está sempre diferente, a vista das duas margens do Vltava como algo saído de uma gravura medieval. Pensando bem, a ponte envelhece sim: quando está lotada de turistas, ou seja, na maior parte dos dias do ano inteiro, mas agora está tudo calmo por lá, com apenas algumas pessoas dispersas passando

apressadas entre as fileiras de estátuas, como se atravessassem um corredor polonês de santos. Sempre acho que a qualquer minuto os santos vão estender os compridos braços de pedra para dar um tapa no traseiro de quem passa por ali. Estou eufórico, percebo agora.

E nervoso.

O mapa indica um ponto no coração labiríntico do Centro Histórico, que eu até conheço bem, mas não o bastante para lembrar o que pode ser esse lugar específico. Vou andando, e, à medida que me aproximo, mais meus nervos se retesam, como cordas de violino. Será um café, talvez, ou um bar? Será que ela vai estar me esperando a uma mesa? Por alguma razão, não consigo imaginá-la só sentada lá, parada, sem fazer nada. É trivial demais. O mapa do tesouro, a citação, esta noite de neve suave... tudo isso pressagia algo mais singular. Por isso não fico muito surpreso quando chego ao local — parando por alguns segundos antes de dobrar a esquina, para respirar fundo — e... não vejo Zuzana por perto.

O lugar não é nem um café nem um bar. É uma lojinha de bugigangas para turistas, daquelas que vemos espalhadas por todo este bairro, cheias das mesmas reproduções das obras de Mucha, marionetes baratas e chamativos cristais boêmios. Está fechada e às escuras, como era de se esperar a esta hora da noite. Eu me viro, olhando em volta.

Observe com olhos reluzentes o mundo à sua volta...

Eu observo. Quando vejo um gato preto passar por uma porta aberta do outro lado da rua, sinto o breve impulso de segui-lo, como se pudesse ser uma escolta felina às ordens de Zuzana. Sorrio; é um alívio que ninguém possa ler meus pensamentos. Zuzana não controla gatos com a mente. Acho.

Continuo olhando.

Há dois cartazes presos a uma porta, mas anunciam uma degustação de absinto que já passou e um tour pelos castelos da Boêmia que ainda vai acontecer. Vejo também dizeres de grafite na calçada, mas é só exaltação a um time de futebol. Nada mais chama a atenção dos meus “olhos reluzentes”.

Examino o mapa, mas tenho quase certeza de que vi tudo direito.

Será que ela está brincando comigo?

É claro que ela está brincando comigo. A questão é: com intenções boas ou não? E: estou sendo um idiota por cooperar? Eu podia apenas dar de ombros agora e ir encontrar meus amigos no Stooge's.

Só de pensar nisso dou uma gargalhada. Até parece.

Tenho uma intuição com relação a Zuzana. Acho que ela não é boa

nem má, mas as duas coisas — a perfeita mistura, uma casquinha de sorvete mista de bem e mal —, e não teria me trazido até aqui sem um bom motivo. Tem alguma coisa que ainda não consegui ver.

Mas o quê? Estou parado aqui com as mãos nos bolsos, me perguntando o que posso estar deixando de notar, quando ouço uma batida. Fraca, na vitrine da loja, às minhas costas — o lugar marcado no mapa. Os pelos da minha nuca se arrepiam quando me viro para olhar.

Os maiores segredos estão sempre escondidos nos lugares mais improváveis.

E o que acontece depois disso... bem, faz parecer possível controlar gatos com a mente.

CARPE DIABOLUS

Existem marionetes e marionetes. A República Tcheca tem um longo histórico na arte de titerear. É parte da nossa identidade nacional, e as marionetes integram o cenário de Praga. Elas estão por toda parte: penduradas nas vitrines, nos museus, nos teatros, nas barraquinhas de rua. E o que se vê na maioria dessas marionetes? Não são marionetes artesanais de oficinas de grandes mestres da arte, como as que temos no teatro; quase todas — principalmente em lojas como esta — são quinquilharias, souvenirs para turistas, produzidas em massa, nada marcantes. Palhaços, princesas e cavaleiros, tendo como cabeça apenas uma esfera com o rosto pintado. Como as que vejo nesta vitrine.

Menos uma.

Não a vi antes porque... não estava olhando de verdade. Uma falha dos “olhos reluzentes”, tenho vergonha de confessar. Em primeiro lugar, essa marionete não está dentro da vitrine. Está do lado de fora, na frente do vidro, atrás do qual pendem várias marionetes malfeitas e insípidas. Devo ter achado que fazia parte do mostruário da loja. É claro, percebo agora, que não deixariam uma marionete como essa do lado de fora, para a neve estragar e alguém roubar. Porque essa marionete não é insípida. É um primor, de uma qualidade que não se vê em uma loja como essa.

Ah, sem contar que... a marionete está chutando a vitrine com o calcanhar.

Daí as batidas.

Tap, tap.

A princípio, me assusto pela razão que era de se esperar: se uma marionete está se mexendo, então deve ter alguém controlando-a, e suponho que seja Zuzana. Ela deve estar por aqui. Fico vermelho e sinto meu coração falhar, mas tento recuperar minha sanidade mental

vacilante na expectativa de finalmente conhecê-la. Mas isso só no primeiro momento. Porque depois eu vejo o que há de errado nessa suposição.

Não tem ninguém controlando a marionete. É impossível. A barra transversal está presa no alto da vitrine, e as cordas estão frouxas. Mesmo enquanto a marionete bate o pé, as cordas continuam frouxas, então a impressão que se tem é de que ela está mexendo a perna por vontade própria. O que é absurdo, é claro, então aos poucos minha mente tira outra conclusão: é uma marionete mecânica. Funciona por controle remoto ou algo assim. O que também é estranho, mas, você sabe, menos estranho do que a primeira opção.

Bem, seja lá qual for o mecanismo que a movimenta, agora que consegui minha atenção, a marionete para de mexer a perna. Dou um passo à frente, examinando-a. Examinando-o. Então me pego pensando na marionete como “ele”. É um dos personagens tchecos mais icônicos: ninguém menos que o próprio diabo.

Ele é feito de mogno polido: madeira escura bem lisa e habilmente entalhada, com chifres, barba e pernas de bode adornadas com tufo de pelo preto macio como algodão. Para ser mais específico, é um *čert* (diabo) do Dia de São Nicolau, identificável pelo saco. Sabe, na República Tcheca, todo 5 de dezembro São Nicolau sai por aí distribuindo doces e presentinhos para as crianças, acompanhado por um anjo e um diabo. Em uma tradição de feriado que causa muitos pesadelos, o diabo ameaça colocar as crianças más em seu saco e levá-las para o inferno. (E você achando que não receber a visita do Papai Noel era ruim.)

Não é raro que atores interpretando o *čert* realmente coloquem crianças em seus sacos.

Aham. Aconteceu comigo. Acho que eu não tinha mais do que quatro anos. Deve ser minha lembrança mais antiga. O saco era áspero e tinha cheiro de terra; lá dentro, a escuridão era total. Gritei até ficar rouco. Deve ter durado menos que um minuto, mas só me lembro de um pavor crescente e incessante. O *čert* era meu tio com o rosto pintado de preto, e minha mãe não ficou nada feliz com ele. Como forma de se desculpar, ele me deu meu primeiro violino. Era só um brinquedo, mas logo se tornou o que eu mais amava na vida. Eu o tocava sem parar, até que meu pai não aguentou mais e me comprou um instrumento de verdade e contratou um professor.

Sempre digo que foi o diabo quem me deu meu primeiro violino. E nem é mentira.

Até agora, o *tap tap* é a única pista de que essa marionete-diabo faz

parte da caça ao tesouro, mas, quando a examino mais de perto, vejo que tem um pequeno bilhete saindo do bolso do casaco do boneco, como um lenço. E, no bilhete, mais um pouco da mesma caligrafia pequena que já está se tornando familiar.

Carpe diabolus.

Primeiro, *agarre a noite*. Agora, *agarre o diabo*. O que só vem confirmar que essa marionete foi *mesmo* colocada aqui para mim, se aquelas batidas sinistras tinham deixado alguma dúvida. Por um instante, ali parado, sinto a plena experiência desta noite me envolver. Os detalhes, o planejamento. É como algo saído de um conto de fadas, e a cidade me parece nova e cheia de segredos, sombras tão nítidas como se fossem desenhadas a tinta, e luz... luz como halos e fosforescência, vaga-lumes e olhos de animais.

Estendo a mão e “agarro o diabo”, erguendo da moldura da vitrine a barra transversal. Então me pergunto: e agora? Passo os olhos pela marionete, depois observo suas costas à procura de mais algum recado. Nada. Até tiro o pequeno bilhete-lenço, mas não encontro mais nenhuma palavra ali. Parece haver alguma coisa dentro do saco, então afrouxo o cordão que o fecha e dou uma olhada. Quase espero encontrar uma criancinha em miniatura encolhida ali dentro, esperando para ser levada para o inferno, mas é só um papel. É claro que, quando o pego, percebo que não é “só” um papel. Nada nesta história é “só” ou “apenas”. Tudo é brilhante e estranho e etéreo, e isto é uma borboleta de origami, feita com um papel floral japonês ornado com relevos dourados. Viro a borboleta, procurando mais algum bilhete, mas não acho nada. Chego à conclusão de que terei que desdobrá-la, e é quando...

... ela levanta voo.

Ela levanta voo.

A borboleta de origami se ergue no ar; eu quase poderia me convencer de que foi o vento, não fosse pelo fato de que eu a estava segurando entre os dedos e senti um puxão quando ela se soltou, um puxão de... *vontade própria*. As asas batem uma vez, lançando a borboleta em uma graciosa espiral para o alto, de forma que tenho que inclinar a cabeça para trás para vê-la pairar no ar por um instante, surpreendentemente viva... E então o que parece é que ela é libertada da força que a fez voar, seja lá qual for, e lentamente cai de volta para mim.

Quase tenho medo de pegá-la — *Como, como essa borboleta fez isso? Como ELA fez isso?* —, mas a deixo pousar em minha mão. É um truque, digo a mim mesmo, maravilhado. É “magia”: entre aspas. Claro; porque é o único tipo de magia que existe.

Deve haver alguma corda amarrada ou algo assim.

Algun tipo de corda completamente invisível que os titereiros usam e que agora sumiu sem deixar rastro. Uma corda que desaparece. Isso existe? Duvido muito. Viro a borboleta de um lado para o outro entre os dedos, procurando alguma explicação, mas não encontro nada. Quer dizer... a não ser uma.

Magia.

Sem aspas.

Uma pequena guerra começa a ser travada em meu cérebro, entre meu “eu racional” e meu “eu esperançoso”. Não sou religioso; não acredito em nada — e não porque eu me esforce para não acreditar. É mais como uma configuração padrão: meu cérebro é um ambiente inóspito para crenças, mas sempre digo — e falo sério — que a vida seria mais interessante se essas coisas invisíveis fossem reais (e dragões também, por favor), e é claro que a morte seria menos ruim se houvesse um céu (inferno, nem tanto). É só que eu nunca consegui acreditar em nada disso. Mas agora, lenta embora nitidamente, parece que o equilíbrio do pH da minha mente está mudando. Como se meu ceticismo estivesse sendo neutralizado. O eu esperançoso está dando um mata-leão no eu racional.

Desabotoo o casaco da marionete-diabo. Se houver um mecanismo de controle remoto dentro dela, o equilíbrio natural da minha mente estará restaurado. Se não, nem sei.

Sob o casaco encontro uma armação de arame. Não, não uma armação. É... uma gaiola. O tronco da marionete é uma pequena gaiola, e, onde ficaria o coração, há um pequeno canário amarelo em um balanço de pássaros, indo calmamente para a frente e para trás. Eu não ficaria surpreso se ele trinasse ou voasse, mas o canário não faz nada disso. Procuro pelo corpo da marionete algum mecanismo escondido que possa ser responsável por aquele *tap tap* da perna batendo no vidro, mas não há nada. O boneco é feito de madeira e arame, só uma marionete, e a perna que se mexeu pende da base da gaiola, sem nenhum dispositivo de controle interno. Só as cordas da marionete poderiam tê-la feito se mexer.

E as cordas estavam frouxas.

Curioso. (Se *curioso* significasse “impossível” ou “esquisito” ou... “*indelevelmente incrível*”).

E agora minha cabeça parece cheia de luar, brilho das estrelas ou algo do tipo. Ou neve. Minha cabeça parece um globo de neve que foi agitado, e agora o glitter está rodopiando dentro dele como estrelas sem rumo.

Desdobro a borboleta. No lado branco do papel de origami encontro um verso e um pequeno mapa.

*Junto ao Córrego do Diabo,
usando veneno como isca,
lá espera ansiosamente minha contraparte.*

Ok. Sou bom em charadas. O Córrego do Diabo é o canal por onde o Vltava contorna Kampa, a ilha junto à margem do rio em que fica o Bairro Pequeno. Quanto à “contraparte”, pode ser em relação a Zuzana, mas não sei quem seria a “contraparte” dela. Se for em relação ao diabo, seria um anjo, então tento pensar em algum anjo famoso na área, mas não consigo me lembrar de nenhum. Por fim, “usando veneno como isca”: aí é que eu não sei *mesmo*.

Talvez eu não seja bom em charadas, afinal. Felizmente há um mapa, indicando uma rua marcada com um pequeno X. Um novo destino, que me leva novamente ao mesmo caminho por onde vim.

Aninhando o diabo no colo como um bebê, ponho-me a andar.
Assobiando.

ELA

VIVA OS MONGES ASSASSINADOS

Ele veio.

Veio me procurar.

Quando Mik dobra a esquina e some de vista, deixo o corpo cair contra a parede do meu esconderijo: atrás de uma cortina de renda, no foyer de um prédio do outro lado da rua. Sinto-me tão cansada que é como se estivesse de fato conjurando feitiços em vez de apenas segurando contas coloridas entre os dedos. Deixo escapar um longo suspiro.

Mik veio me procurar.

Eu achei que ele não viria? Não sei. Não sei. Fico tão nervosa perto dele que não consigo tentar nem um contato visual prolongado, e, sem isso, fica meio difícil avaliar o nível de interesse dele por mim. Mas, daqui do meu esconderijo, à espreita como uma horripilante serial killer, tive condições de me concentrar no rosto dele por tempo suficiente para achar que... ele parecia interessado. Não parecia? Bem, ele sempre parece interessado, ele é aquele tipo de alienígena, mas agora há pouco ele parecia... fascinado.

— Ele parecia fascinado, não parecia? — pergunto ao gato preto que está se esfregando na minha perna.

O bichano entrou aqui logo que Mik surgiu na rua, como se estivesse realmente tentando trazê-lo até mim, e, quando começou a ronronar alto como um trator, tive certeza de que Mik ouviria. Acho que cheguei a mandá-lo ficar quieto. Mandeí um gato ficar quieto. E o que você acha que ele fez? Ronronou mais alto ainda.

“Vou fazer exatamente o que você quer”, *nunca* respondeu *gato nenhum*.

No entanto, agora que o momento já passou e estou a salvo, minha preocupação parece meio boba. O que eu pensei? Até parece que Mik abriria a porta e diria: *Ó, felino, por que ronronas?*

O gato continua seu festival ronronante, o que eu interpreto como: “Sim, Mik com certeza estava fascinado.” Como poderia *não* estar? Eu o enfeitei. E por isso devo meus agradecimentos aos scuppies. Dois já foram. Um para as batidas na vitrine, outro para erguer a borboleta no ar. *Puf! Puf!* Eles vão embora rápido. Queria ter o colar de Karou inteiro. Karou. Mando uma mensagem para ela: *Fase 1 foi um sucesso. A Marionete que Morde ficaria orgulhosa.*

Porque, claro, usar scuppies para dar vida a uma marionete, de onde eu teria tirado *essa* ideia?

Mas não é plágio. É uma homenagem. É claro, os artistas sempre dizem isso quando roubam as ideias dos outros, mas neste caso é *mesmo* uma homenagem, ao meu próprio despertar mágico, dois anos atrás. E me parece perfeito que Mik seja despertado do mesmo jeito que eu. Nós dois perdermos nossa virgindade mágica da mesma maneira. Com marionetes assustadoras, durante tempestades de neve.

(Ok. Isso parece horrível. Mas você entendeu.)

A borboleta, por outro lado, foi ideia minha, e acho que foi mesmo a cereja do bolo: *Ah, você acha que é um truque? Então como é que eu estou fazendo isto, espertinho?* Tento imaginar o que eu teria pensado se fosse comigo, mas não consigo. Quando você sabe que a magia existe, fica difícil lembrar como era não saber. É como tentar se ver no espelho de olhos fechados.

(Fiz isso uma vez, quando era criança. Do nada fiquei curiosa em saber como eu era de olhos fechados, então... bem, fui até o espelho e... fechei os olhos.)

(Sim. Eu me achei bem parecida com a parte interna das minhas pálpebras.)

(Eu nunca disse que era um gênio.)

Fico fazendo carinho no gato, esperando um pouco até Mik estar mais ou menos distante, para só então sair do meu esconderijo. Faz frio. Estou animada. Meu coração bate no ritmo de uma música alegre, meus olhos estão repletos de purpurina e paetês e o restante de mim são as pessoas na plateia assistindo à festa e cantando junto.

Ah, e também estou morrendo de fome e louca para fazer xixi.

Então eu quase gostaria de estar em um encontro normal, ao lado de Mik no Sabor de Veneno. Quer dizer, eu *poderia* ter escolhido isso. Nesse caso, eu apareceria atrás dele e diria: “Mandou bem, gato. Agora vamos comer um strudel e dar uns amassos. Assim que eu voltar do banheiro.”

Mas ainda não acabei de fasciná-lo. Tenho mais alguns scuppies para gastar antes de chegarmos à parte da noite em que nos falamos.

Espero que essa parte de falar e conversar seja apenas um fina camada entre a do fascínio e a dos beijos, como o recheio entre camadas de bolo.

(Hmm. Bolo.)

Não que eu não esteja ansiosa para falar com ele. Eu *estou...* ao menos na versão imaginada desta noite, em que eu de fato consigo formar uma frase e não apenas balbuciar palavras aleatórias como aqueles imãs de geladeira, e frases que não o levem a concluir que sofri danos cerebrais. É só que... não consigo nem começar a explicar a intensidade do meu desespero para começar a beijar. A explicação mais provável, depois de muito pensar, é que sou um clone pré-programado para executar essa ação *agora* ou se autodestruir.

Ou então é só a doçura aveludada de Mik. Como um bolinho em forma de garoto.

Começo a andar, parando para olhar adiante a fim de ter certeza de que ele já sumiu de vista. Sigo em direção ao Bairro Pequeno e, no caminho, passo em um café para aliviar a mais urgente das necessidades físicas (nem boca, nem estômago; nada vence a bexiga). Depois, continuo meu caminho a passos rápidos, mas tomando o cuidado de me manter atenta para não ultrapassar aquele que estou seguindo. De qualquer forma, não vejo nenhum sinal de Mik, e me divirto observando os pares de pegadas na neve que cobre a ponte Carlos, tentando adivinhar quais serão as dele.

Aquelas? Talvez.

Quando sinto uma onda de ternura pelas possíveis pegadas de Mik, percebo que a coisa é séria. O fato de eu não sentir nem um pinga de nojo de mim mesma por conta disso só me confirma a gravidade da situação. Estou perdida.

É quando entro sorrateiramente no pátio do Sabor de Veneno — passando por sob o arco coberto de hera escura congelada rumo ao jardim de lápides medievais onde os monges assassinados estão enterrados — que começo a me perguntar se estou agindo de forma bizarra e assustadora. Quer dizer, agir assim dessa forma sorrateira torna a pessoa automaticamente assustadora? Ou existem atenuantes quando se trata de... romance?

Aposto que todos os maníacos obcecados que perseguem seus objetos de desejo acreditam que estão sendo românticos. *Fiz isso por amor, policial.*

Será que passei dos limites? Estou prestes a olhar lá para dentro por uma janela para dar uma espiada em Mik. Não sei por quê, mas isso me parece pior do que espia-lo *de dentro* de algum lugar, como eu

estava fazendo na maior tranquilidade. Afinal, “espiar” dá a entender que você está olhando *para dentro* de algum lugar, não *para fora*. Mas isto aqui é um estabelecimento público, argumento comigo mesma. Não estou espiando pela janela da *casa* dele. Eu nunca faria isso. Isto aqui é um café. Além do mais, é meio que o *meu* café. Meu e de Karou. Não formalmente, é claro. O Veneno não é nossa propriedade; não em termos além do nível espiritual/emocional.

O que vale muito mais do que uma escritura. Então me aproximo da janela, para espiar sem estar propriamente espiando.

E é então que vejo... vejo algumas macias peninhas pretas na beirada da janela. Sei de quem são. De quem *eram*. Kishmish sempre vinha aqui e batia no vidro para chamar Karou. Sinto um nó na garganta ao me lembrar de seu corpinho queimado parando de se mexer nas mãos dela, e estas penas servem como um lembrete de como minha vida é simples, como esta noite é leve, como as consequências do meu possível fracasso são inofensivas. Também me lembra que devo um conto de fadas raivoso para contar a Karou, então olho corajosamente pela janela, pronta para fazer alguma magia.

Então, bem quando avisto Mik, no lugar exato em que ele deveria estar, ouço alguém chamar meu nome. Quer dizer, não meu nome exatamente. Uma versão dele.

— Zuzachka?

A voz vem de trás de mim, aqui do pátio.

Só existe uma pessoa que me chama assim, se é que ele sequer merece a designação de “pessoa”; não, não merece. Só existe um *panaca* que me chama assim. Sinto o frio do veneno se espalhando por meu corpo, pronto para entrar em ação. Paciência. Não me viro logo para responder pois estou de olho em Mik, que neste exato momento está se sentando em um sofá de veludo do Peste — a mesa que Karou e eu declaramos nosso domínio sentimental e que até agora estava esperando por ele com uma placa de RESERVADO e uma marionete de anjo entalhada com todo o amor. *Preciso fazer a magia acontecer agora.*

— O que você está fazendo? — pergunta a voz do panaca.

Minha mão já está no bolso. Encontro um scuppy. Mik está encarando a nova marionete como se fosse um amigo que tivesse guardado o lugar para ele. É o contraparte da marionete-diabo (que está no colo de Mik): um anjo nas mesmas proporções. Fiz os dois no semestre passado, para uma apresentação do Dia de São Nicolau, em uma matéria sobre marionetes; é claro, tirei um 10.

Faço o desejo. Não posso vê-lo se tornar realidade, mas a conta

desaparece entre meus dedos e percebo, pela maneira como Mik chega para trás, surpreso, que algo aconteceu.

Enquanto o diabo tem um pequeno canário em um balanço no lugar do coração, o anjo tem um buraco em forma de coração entalhado no peito e, dentro dele, uma vela estrelinha... que acabou de acender, transformando seu coração em um minishow de pirotecnia. Na apresentação, tive que acendê-lo com um fósforo. Neste caso, desejei que se acendesse. Espero que dê um efeito bacana. Não dá para ver direito daqui; de qualquer forma, com isso feito, tenho que cuidar de assuntos menos agradáveis. Então me viro.

— O que você quer.

Nenhuma entonação de pergunta. Nada além de um desdém pegajoso e venenoso.

Por Kaz. Kazimir Andrasko, o desastre de primeiro namorado de Karou. Primeiro e último. Um cara que fica tirando vantagem à custa dela. Ela acha que não sei, mas eu sei. E vou contar uma coisa sobre mim: gosto de vinganças como pessoas normais gostam de pôr do sol e longas caminhadas na praia. Saboreio a vingança com uma colher como se fosse mel. Na verdade, talvez eu nem seja uma pessoa de verdade, apenas uma promessa de vingança que criou vida. Meus pais juram que fui um bebê de verdade, e não um pacto com o diabo, mas é claro que eles negariam isso. A questão é: dentro de mim há vingança de sobra para agir em nome de garotas maltratadas e desprezadas por toda parte, e é de *Karou* que estamos falando.

Por causa de Karou, Kaz atingiu o status exclusivo de Nêmesis Primeira Classe, mas ainda não foi submetido ao Plano Zuzana de Aniquilação Total Sob Medida.

Ainda.

— Só estou dizendo oi — responde ele, com um ar de surpreso, como se realmente achasse que eu fosse ficar feliz em vê-lo. — Qual o seu problema, hein?

— Qual o meu problema? Tenho muitos, mas os que mais deveriam preocupar você são minhas tendências violentas e minhas prováveis origens demoníacas.

— Hã?

Ele me olha com cara de idiota, uma reação muito decepcionante para uma frase de efeito tão boa. Kaz pode merecer o status de Primeira Classe por Crimes de Babaquice Aguda, mas não dá um bom inimigo.

Suspiro.

— Você não é um adversário à altura — informo a ele.

— Do que você está falando? Adversário em quê?

— Adversário em adversar. Dã. O que está fazendo aqui, panaca?

— O que acha? Karou está aqui? Você veio se encontrar com ela?

Dou uma risada.

— Não é possível que você esteja mesmo procurando por Karou — falei, mas vejo, pela persistência da cara de idiota, que é verdade. — Ela atirou você por uma porta de vidro na última vez que vocês se viram. Isso deu a entender alguma pontinha de esperança?

— Ela não sabia que era eu quando fez aquilo — argumenta ele. — O que houve com ela naquela noite, afinal? Ela está bem?

Karou está bem? Não. Não, não está, mas, tendo em vista os problemas que ela tem no momento, Kaz se tornou tão importante quanto um mosquito.

— Ah, panaca — digo, tentando um tom de piedade. — Pobre panaca. Vou explicar uma coisa para você. Sabe, nos contos de fadas, quando um monte de príncipes tenta conquistar a mão da princesa mas eles são todos vaidosos, convencidos e egocêntricos e falham no desafio e acabam morrendo? E existe um, que é inteligente e bom, que vence e depois vive feliz para sempre com ela? Então, você faz parte do primeiro grupo. — Dou um tapinha em seu ombro. — Fim de jogo para você.

Ele continua com a cara de idiota. Mas então fala:

— Quer dizer que ela está saindo com outra pessoa?

— Ah, meu Deus! — Só consigo rir. — Conversar com você é como brincar de pique com uma criancinha. Dá o fora daqui, Kaz. Por acaso achou que eu estivesse brincando daquela vez? Você não é bem-vindo aqui. Imrich vai colocá-lo em um caixão, e *eu* vou pregar a tampa.

As mesas no Sabor de Veneno são caixões de verdade, e Imrich, o homem caolho que é dono do lugar, é amigo meu e de Karou. Faz dois anos e meio que temos o costume de vir aqui pelo menos três vezes por semana. Pintamos murais nos banheiros em troca de goulash. Imrich está do nosso lado.

— Tudo bem — diz Kaz, revirando os olhos, sem acreditar nem se deixar assustar nem por um segundo. — Vamos entrar, então. Espero que esteja com seus pregos à mão. — E ele dá um passo em direção à porta, achando que estou blefando.

Mas. Que. Droga.

Não estou blefando! Imrich vai mesmo fazer isso. Ele não é lá muito equilibrado. Caramba, é só dar uma olhada neste café! Pelo amor de Deus, está cheio de máscaras de gás e caveiras. De verdade. Ele com certeza vai enfiar Kaz em um caixão, e, sim, ele tem mesmo

os pregos para fechá-lo. Como todo o resto no Sabor de Veneno, os pregos são antigos e autênticos. Ele diz que vieram dos caixões exumados em Kutná Hora depois que algum monge da Idade Média espalhou terra de Gólgota lá, tornando-o o cemitério mais popular da Europa Central. O cemitério mais popular, mas que coisa! Você só pode ficar enterrado lá por um tempo, porque logo vão tirá-lo de lá para dar lugar ao próximo cara. Então... Ah! No fim do século XIX, contrataram um entalhador de madeira para fazer arte com os ossos desenterrados. É *incrível*. Imagine passar a vida após a morte como parte de um candelabro de esqueleto. *De verdade*.

A questão é: pregos de caixão, *confere*. Caixão, *confere*. O louco caolho do Imrich e seus camaradas do bar prontos para pegar aquele carinho bonito ali e apresentá-lo ao interior acetinado de uma caixa hexagonal?

Confere.

Eu, disposta a participar? *Não confere*.

Em qualquer outro dia, sim. Qualquer. Outro. Dia. Mas esta noite não foi feita para vingança. Respiro fundo. Esta noite foi feita para fascinação.

Não olho para a janela. Tenho que fazer tanto esforço para não olhar pela janela que meu pescoço parece ter virado concreto. Estou louca para saber o que Mik está fazendo, mas não quero que Kaz me pegue olhando. Ele pode estragar tudo. Estou seguindo um cronograma cuidadosamente calculado.

Será que Imrich já levou o chá para Mik? Este é o plano. Peste — minha mesa, minha e de Karou; a que fica embaixo da gigantesca estátua equestre de Marco Aurélio — estaria vazia, com uma plaquinha de RESERVADO, a marionete-anjo sentada lá com as pernas cruzadas no sofá de veludo. Quando — se — Imrich visse um cara entrar e se sentar ali, o combinado era ele lhe servir chá. A última pista para Mik vai estar dentro do pote de arsênico. (Quer dizer, no *açucareiro*. No Veneno, o chá é servido em jogos de prata bem antigos; o açucareiro e o jarro de leite têm gravados *arsênico* e *estricnina*, *cicuta*, *cianeto*. Fofo, não é?)

Então, basicamente, se Imrich levou a bandeja e Mik encontrou a pista, ele pode passar pela porta a qualquer momento. E quando ele passar, eu vou estar parada aqui, ou seja, Kazimir Andrasko vai acabar testemunhando as primeiras palavras trocadas entre nós dois.

Não. Tenho que resolver logo esse problema.

— Na verdade, tenho outros planos — digo a Kaz. — Mas vá você. E quando estiver preso lá dentro, naquele caixão escuro, com fome e

sede, alucinando e desesperado para fazer xixi, quando o Veneno estiver fechado e não tiver mais ninguém aqui para ouvir seus gritos, saiba... que não estarei pensando em você nem um pouco.

Indico a porta com um gesto e, como golpe de misericórdia, olho para ele... com olhos de demente desvairada. São olhos que dizem: *Tenho algo muito interessante para lhe mostrar no porão. Venha comigo.* É um dos meus olhares preferidos e, conseqüentemente, o *menos* preferido do meu irmão, porque é o que invariavelmente indica um aumento de hostilidade a um nível de vingança que ele nunca alcançaria. Tomas simplesmente não tem esse poder. Meu irmão sabe:

Ninguém pode derrotar a Demente Desvairada. Só provocá-la.

Kaz pode não saber disso por experiência própria, mas intui. O olhar o apavora. Eu vejo isso. Ele desanima. Olha para a porta. Então me encara, repuxando os lábios com aquela expressão que os valentões usam quando estão com medo de alguém e tentam esconder. O próximo passo é me chamar de doida. Pode esperar.

— Você não é normal, Zuzana.

— Não, não sou — confirmo com prazer, arregalando os olhos. — *Eu sei.*

E é isso. Ele já tomou uma decisão. Kaz vira as costas e vai embora. É decepcionante e gratificante ao mesmo tempo. Decepcionante porque ele chegou muito perto de ser encerrado em um caixão e eu o convenci a se livrar dessa, e gratificante porque assustei esse idiota, o que era basicamente a minha missão.

Agora que Kaz finalmente se foi, giro novamente em direção à janela...

... e vejo Mik vindo em minha direção! Ele está com o anjo aninhado em um braço e o diabo no outro, e eu tenho aproximadamente três segundos para desaparecer em pleno ar antes que ele abra a porta.

Ou é isso, ou é me jogar no chão atrás de uma lápide.

Obrigada, meu Deus, pelos monges assassinados.

O VAZIO DO CORAÇÃO

A porta se abre, deixando o ruído de vozes e música escapar para o pátio, depois volta a se fechar, guardando novamente o barulho como ao cuco de um relógio. Ouço passos atravessando a neve. Não consigo ver quem é e tenho quase certeza de que a pessoa não pode me ver. Estou agachada atrás de uma lápide, protegida da luz que vem da janela. Quando o som dos passos diminui, penso duas coisas:

1. Esconder-se atrás de lápides *definitivamente* constitui comportamento de um maníaco perseguidor

e

2. Mik está a caminho do local número três, que é o local *final*, onde devo revelar meu verdadeiro eu e dar início à interação humana.

Tenho mesmo que fazer isso?, choraminga uma voz dentro de mim. As marionetes não podem agir em meu nome? Marionetes embaixadoras? Sim, porque o que é mais assustador do que uma maníaca que persegue garotos? Uma maníaca ventríloquista que persegue garotos e que fala através de marionetes. Imagino Mik me apresentando a sua família: “Esta é minha namorada Zuzana e... seus representantes.”

Não, não, não. Você consegue.

Eu vou conseguir. Então me levanto de trás da lápide. Sou a mesma pessoa que acabou de assustar aquele aproveitador de melhor amiga. *Fada raivosa, fada raivosa.* Por que falar com um garoto de quem eu gosto é tão mais difícil do que falar com um panaca que eu desprezo? Sei que é só uma questão de química cerebral — *tudo* se resume a química cerebral —, mas minha empolgação e meu medo parecem pequenos lutadores se enfrentando no meu coração neste momento. Imagino a Empolgação sufocando o Medo e, delicadamente, quase com carinho, deitando seu corpo inerte no chão.

Vá. Agora. Deixe o Medo largado aí. Vá rápido, antes que ele se

levante e veja para que lado você foi. Respire. Ande. Respire. Ande. Veja, são as pegadas de Mik. Siga-as.

Respire.

Ande.

Tudo bem. Eu estou bem. Estou indo. Vou pisando nas pegadas de Mik e assim sinto uma conexão com ele, como uma completa lunática. O local número três não está longe e já percorri centenas de vezes o caminho que leva até lá, geralmente com Karou. Respire. Ande. Mik provavelmente já deve ter chegado.

Por acaso sei o que vou dizer a ele?

Ah, mas que inferno.

O Medo se recompõe, ergue-se do chão e nos segue pelo quarteirão. Dá um chute no pescoço da Empolgação pouco antes de eu dobrar a esquina para o local número três. Ele me faz parar na hora, de forma que me vejo presa ao lado do prédio pela força centrífuga da minha ansiedade.

O que vou dizer?

Procuro meu telefone e escrevo para Karou: *PRECISO DE AJUDA URGENTE. PALAVRAS. A PRIMEIRA FRASE. ALGUMA COISA SIMPLES QUE FAÇA MIK SE APAIXONAR POR MIM IMEDIATAMENTE. PENSE RÁPIDO.*

Então eu espero, telefone na mão. E espero. A neve está caindo mais depressa agora, e minha respiração parece fumaça de dragão. O frio das pedras do prédio atravessa o tecido do meu casaco, gelando minhas costas, e não chega nenhuma mensagem da África.

Que ótimo. Guardo o telefone de volta no bolso. Sei o que tenho que fazer. O filósofo grego Epíteto disse: “Primeiro diga a si mesmo o que você vai ser; e então faça o que tiver que fazer.” O bom e velho Epíteto. Serei a Garota Confiante, o que significa, antes de tudo, me desgrudar da parede do prédio. Tenho uma teoria de que somente vinte e sete por cento da confiança percebida é de fato confiança, sendo o restante apenas simulação. O segredo é: se você não consegue ver a diferença, *não há* diferença. Ah, a pessoa que está fingindo consegue sentir a diferença no suor frio das mãos e no coração disparado, mas o efeito externo — ou assim se espera — é o mesmo.

As palavras vão sair da minha boca quando chegar a hora, vou saber quais são ao mesmo tempo que Mik. Não dá para escrever um roteiro. (Ou dá? Talvez eu *pudesse* escrever um roteiro, ter o controle total da nossa primeira conversa... Não. Não, não dá. Ande.) Coloco meu corpo em movimento. Sinto a Empolgação e o Medo agarrados aos meus tornozelos, mas depois de alguns passos deixo de notar,

porque passo do ponto em que não há mais volta. Dobro a esquina e chego à praça Maltesa. Vejo a fachada barroca cor-de-rosa do Liceu. O portão do pátio, e, depois, apenas sombras. Não vejo Mik, mas... Mik pode me ver. Sigo em frente.

O local número três é o pátio da minha escola. É um lugar bonito, com uma fonte congelada no meio e um banco de mármore entalhado para dar a impressão de que sereias o carregam nos ombros. O portão fica destrancado à noite para que os alunos possam usar os estúdios até a hora que precisarem, mas, em uma noite de sábado como esta, no começo do ano letivo, os níveis de desespero ainda estão baixos, portanto não deve haver ninguém por perto. O pátio é particular, mas não totalmente fechado, o que me parece adequado. Íntimo, mas não tanto.

Sigo até o portão. Não é o meu coração que sinto batendo na garganta. É a *confiança*.

O portão está aberto. Vejo as pegadas deixadas por Mik.

Sinto-me vacilar.

Porque as pegadas de Mik entram e...

... voltam a sair.

Seguem para *fora* do portão.

E, quando olho para o pátio, é isto o que vejo: no banco das sereias, meu anjo e meu diabo abraçados.

E Mik não está lá.

Olho em volta, para um lado e para o outro, vasculhando a praça com o olhar. Tenho que me controlar para não olhar para *cima*, como se ele pudesse ter saído voando. Mik não está em lugar algum.

Foi embora.

Dentro de mim: um deserto varrido pela decepção.

Mortificação.

Entorpecimento.

Perplexidade.

E humilhação.

Detesto humilhação. Quero chutar a humilhação em suas patéticas canelas magricelas.

Fico ali por um minuto, até me ocorrer que Mik pode estar me olhando de algum lugar por perto. Esse pensamento me faz entrar no pátio. Não piso mais nas pegadas dele, desvio delas como se as desprezasse. *Pegadas idiotas, tomem isso*. Sinto meu coração *despedaçado*. Como uma fruta picada, pronta para ser acrescentada ao recheio da torta. Não dói, porque já não está mais lá. Como o coração do anjo, com o buraco vazio — mas sem a vela.

Tão sem vela.

Paro em frente às marionetes; sinto minha mente ao contemplá-las. Mik arrumou as duas como se fossem amantes. Que maldade. Nunca teria imaginado que Mik fosse cruel.

E então vejo que o globo de gelo se foi. Eu o havia pendurado no gazebo arqueado que se ergue acima do banco. O último artefato desta caça ao tesouro: uma esfera de gelo transparente do tamanho de uma bola de beisebol, e, congelada dentro dela, enrolada e enfiada em um pequeno tubo plástico, a última mensagem. A ideia era que, até o gelo derreter, eu já estivesse pronta para que Mik a lesse, pronta para que a parte da conversa desta noite desse lugar à seguinte. Você sabe de que parte estou falando. Ah, meu Deus. Minha boca está desolada, como se tivesse sido abandonada em pleno altar. Ela tinha tanta certeza de como esta noite iria acabar.

Será que Mik levou o globo de gelo? Por que ele faria isso? Olho em volta para ver se caiu por aqui, mas não o vejo, e nisso... começo a ficar irritada. Ele não deveria tê-lo levado. Se ia embora, deveria ter deixado a mensagem também. Não quero o papel solto por aí para que ele possa ler, rir e mostrar aos amigos.

(Ele não faria isso, insiste uma voz dentro de mim, como se eu conhecesse Mik.)

(Mas você o conhece.)

Não conheço. É claro que não. Nunca trocamos nenhuma palavra. Mas eu tinha tanta certeza de que ele não era um idiota... De que não era um *panaca*. Não que isso se compare com o que Kaz fez a Karou, é claro, mas também não é legal. Eu estava preparada para ele não aparecer no local número um. Ficaria desapontada, sim, mas não teria nenhum ressentimento contra ele. Se ele não está interessado, não há nada que eu possa fazer. Mas por que seguir o mapa do tesouro até o fim, parecendo fascinado e doce o tempo todo, para no final... fugir?

Meu celular vibra. Mensagem de Karou: uma lista de frases para iniciar uma conversa. Justo quando não preciso mais.

a) *Oi, meu nome é Zuzana. Na verdade, sou uma marionete trazida à vida pela Fada Azul, e a única maneira de eu ganhar uma alma é se um humano se apaixonar por mim. Você pode me dar uma mãozinha?*

b) *Oi, meu nome é Zuzana. Um beijo meu concede imortalidade. Só para avisar.*

c) *Oi, meu nome é Zuzana. Acho que eu gosto de você.*

Leio as mensagens com amargura. Largo o celular no banco e afasto as marionetes, interrompendo seu abraço. O anjo cai de costas, com os braços tortos e a cabeça pendendo do banco como se tivesse

desmaiado. Causa da morte: coração partido. Acho que eu usaria *Acho que eu gosto de você* mesmo. Nada de dar voltas, apenas a sinceridade. É o que a Garota Confiante diria. Se tivesse alguém a quem dizer essas malditas palavras.

Respondo: *Obrigada, mas não vou mais precisar.*

Karou: *Como assim? Por quê?*

Eu: ... *ele fugiu...*

Karou: ???

Eu: *Deixou as marionetes. Colocou as duas juntas como se estivessem DANDO UNS AMASSOS e não me esperou. Pelo menos as marionetes conseguiram aproveitar a noite.*

Ela demora um pouco a responder desta vez. Imagino que esteja indignada. Mas, quando ela escreve de volta, não é indignação o que vejo.

Isso não faz sentido, Zuze. Ele deixou um bilhete ou alguma coisa assim?

Um bilhete? Não tinha pensado nisso. Uma centelha se acende no vazio do meu coração. Será possível?

Vazio do coração.

O vazio do coração! O buraco no coração do anjo. Tem alguma coisa saindo dali! Olho para cima e em volta, como se Mik pudesse estar me espiando, como eu vinha fazendo com ele. Mas acho que não; não há onde se esconder. Estendo a mão para pegar... um papel enrolado. Assim que o desenrolo, toda a minha decepção, a mortificação, o entorpecimento, a perplexidade e a humilhação se evaporam e são substituídos por... vertigem, alívio, animação, desfalecimento e alegria.

É a versão de Mik do meu primeiro mapa do tesouro, feita às pressas. No meio: um autorretrato à caneta que é basicamente um smile infantil com costeletas e cavanhaque. Por mais malfeito que seja — e é —, há algo tão doce no desenho, algo tão completamente não idiota que não consigo acreditar que possa ter pensado que Mik faria alguma coisa maldosa. *Ah, homens de pouca fé.* Lembro-me de uma conversa que tive com Karou há algum tempo, quando eu nem sabia o nome de Mik, em que eu fiquei me perguntando em voz alta se havia alguma chance de ele ser legal. Como se houvesse alguma dúvida! Ele irradia essa aura de legalzice. Eu só tinha medo de acreditar — ou de que alguma outra garota já fosse a feliz beneficiária de toda a legalzice dele.

O que não parece o caso — porque ele entrou no meu jogo esta noite, e agora... está me convidando para participar do *dele*.

O abraço das marionetes adquire um novo significado, e sinto meu rosto esquentar. Será uma indireta? Como poderia não ser? O papel enrolado também traz uma mensagem; um balão de fala sai da boca do Mik-smile, dizendo:

Córrego do Diabo, 20 minutos

PS.: ande devagar

E há um mapa mal-desenhado da ilha de Kampa, mas nenhum X que marque o lugar certo, pelo que vejo. O Córrego do Diabo não é muito grande, mas com certeza é grande o bastante para precisar de uma indicação. E quanto aos vinte minutos? O que será que ele está tramando?

Intrigante...

Meu telefone está competindo pela minha atenção. Vejo uma série de mensagens de Karou, todas do tipo: *Alô? Z???*

Meus dedos tremem um pouco de emoção enquanto digito: *Você é um gênio e uma salvadora. ELE DEIXOU UM BILHETE! <3 <3*

Nunca em minha vida eu havia digitado o símbolo de coração. Isso é coisa de garotas bobas. Karou provavelmente vai achar que meu celular foi roubado — ou quem sabe meu corpo, por um alienígena apaixonado. Mando a mensagem assim mesmo.

E isto é o que recebo: *Quem é você??*

Eu: *Não se atreva a debochar de mim.*

Karou: *Espero que você não comece a colecionar bibelôs em formato de coração. Porque senão teremos que rever nossa amizade.*

Como ainda tenho um tempo antes de se passarem os misteriosos vinte minutos, ligo para ela — essa bobagem de mensagens de texto... Às vezes a gente leva séculos até ter a ideia de ligar e conversar de verdade em vez de ficar digitando estupidamente. Garanto a Karou, com veemência, que não há nenhuma coleção de bibelôs em formato de coração no meu futuro.

— Dedos do pé — digo, pensando no suposto souvenir de golem do meu avô. — Vou colecionar dedos do pé. Como troféus; de todos os garotos com quem eu sair de agora em diante.

E se Karou sabe que “todos os garotos” com quem saí até hoje contabilizam *zero garoto*, não deixa transparecer.

— Assim é melhor — diz ela.

É muito bom ouvir a voz dela. Karou me diz que nos próximos dias deve ir ao Paquistão. Paquistão! Faço várias advertências inúteis

típicas de uma pessoa desinformada sobre o país (usar burca, por exemplo, e não fazer nenhuma dança sexy em público), e ela tenta levar a conversa de volta para Mik e eu.

Mik & eu.

Nunca fiz parte de uma relação em que eu pudesse usar o & antes. Nunca houve um “nós”, mas quando desligo o telefone e começo a andar — lentamente, como me foi solicitado — na direção do Córrego do Diabo, sinto-me bem otimista. Pode ser uma grande desilusão, mas esse sentimento me carrega como se eu estivesse flutuando, de forma que chego em um piscar de olhos à ponte que fica no fim da rua Velkoprevorske, me perguntando aonde devo ir agora. E é então que eu ouço.

Música.

PEGADAS DE PAVÃO

Violino. Ao vivo e de verdade, um som que dança no ar junto com a neve. É “Eine Kleine Nachtmusik”, que já ouvi tantas vezes a ponto de nem ter percebido (até ouvi-la agora) como havia se tornado... trivial. *Ah, sim, Mozart é um gênio. O que temos para sobremesa?* Mas ao ouvi-la assim, ao ar livre, à noite, em uma tempestade de neve e como uma serenata para *mim...* é como se renascesse na minha mente como a criação sublime que é. É o *andante*, mais suave e mais doce que o *allegro*, e é simplesmente... Não sei nem explicar.

É uma dimensão. O espaço à minha volta, a atmosfera acima de mim — até agora um vazio de ar noturno importunado por flocos de neve — adquire vida. Música. Fecho os olhos e é como se visse uma roseira florindo em *time-lapse*, de forma que seus brotos e flores desabrocham em uma rápida coreografia de crescimento e colapso, torcendo e se enroscando, abrindo-se e murchando.

Fecho os olhos, e a música pinta ramos de videiras e filigranas caligráficas de luz na escuridão.

O som me puxa para a frente, como uma mão estendida. Mik está do outro lado, em algum lugar, sua música criando uma trilha até ele, e fico tão feliz neste momento por não ter me apaixonado por uma pessoa comum, nem mesmo por um músico comum, mas por um violinista.

Assim que chego à ponte, eu o vejo. Há uma roda de moinho bem ao lado da ponte — a bela roda de moinho de madeira que aparece nas fotos de todo turista que visita Praga —, e Mik está lá embaixo, no pequeno cais ao lado, a cerca de três metros apenas. Mas há um muro de concreto entre nós, com uma grade de ferro por cima, e, pequena como sou, tenho que ficar na ponta dos pés para enxergar do outro lado das barras. A cabeça dele, protegida pelo gorro, está curvada sobre o violino, sua postura é leve e fluida, ele está corado pelo

esforço e pela criação, e nada é tão incrível quanto o fato de este som perfeito ser resultado do vaivém suave e calculado do braço desse garoto lindo.

Não sou a única pessoa atraída pela música. Os passantes param para ouvir. Algumas janelas se abrem nos prédios que se erguem de frente para o córrego, e por um minuto todos ficam parados em silêncio, voltados para esta linda visão: Mik no cais do moinho, tocando Mozart para a neve.

Não, não para a neve. Para *mim*.

Eine Kleine Nachtmusik é a serenata número treze de Mozart. Serenata.

Mundo, acho importante ressaltar aqui que estão fazendo uma serenata para mim. Com os arcos da ponte Carlos ao fundo e seus postes espectrais. O canal está escuro e cintilante, e a noite está dizendo: *É isso aí. Tudo é um milagre.*

E é mesmo, Picasso. É sim.

— Com licença — digo a um casal parado aqui perto, ambos unidos de tal forma que a fumaça da respiração dos dois se mistura e se torna uma só. — Podem me dar uma forcinha?

Indico o muro. É alto, com detalhes em ferro em cima para desencorajar as pessoas de fazer justamente o que vou fazer, mas o casal não dá nenhuma mostra de querer me dissuadir. Eles sorriem, como se tivéssemos um segredo em comum. O homem faz um apoio com as mãos para mim, e lá vou eu. É quando Mik levanta os olhos. Bem quando estou equilibrada no alto do muro.

Nossos olhos se encontram, e todo esse lenga-lenga e planejamento, o vaivém pela ponte e o mergulho atrás da lápide, tudo se resume a este momento.

Nossos olhos se encontram.

E... é como se eu tivesse passado a vida inteira sendo uma torre à beira do oceano com algum propósito obscuro e somente agora, quase dezoito anos depois, alguém tivesse pensado em ligar o interruptor que revela que não sou uma torre. Sou um *farol*. É como se eu estivesse despertando. Sou incandescente. Nunca soube que eu pudesse emitir luz e calor. *Caramba*. Se a música criou uma nova dimensão externa, isso cria uma interna.

Sou mais do que eu sabia que era.

Mik sorri, e é uma mistura de *alegria* e *vergonha* e *doçura* e *nervosismo*, e até mesmo um pouco do que eu poderia jurar que é *assombro* — como se ele estivesse assombrado pela sorte de *eu* estar escalando um muro para chegar até ele —, que me faz abrir um

sorriso igual. Meu rosto responde sem autorização do cérebro; o resultado disso é o maior, mais inocente e mais bobo sorriso de toda a minha vida. Eu nem sabia que meu rosto era capaz disso. É como se houvesse zíperes escondidos nas minhas bochechas. Minha Nossa.

É isso que *sentimentos* devem ser. É por isso que as pessoas escrevem poemas! Agora eu entendo.

Entendo, e quero mais.

Começo a descer a ponte pelo lado externo da mureta. Ou melhor, procuro pistas de como dar esse último passo crucial para finalmente entrar no campo magnético de Mik, mas é uma grande distância até a pequena passarela de metal lá embaixo, então hesito. Não antes de Mozart hesitar também. E com isso quero dizer que o arco de Mik deixa de tocar as cordas e a música para, e, quando olho de novo, ele está deixando o violino e o arco no estojo e vindo em minha direção. Ouço alguns aplausos, mas não vou me distrair com nada fora do círculo deste momento.

Eis a situação: eu, agarrada à grade da ponte pelo lado de fora; Mik, na passarela de metal lá embaixo. A cabeça dele quase alcança meus pés. Ele olha para mim, e nossos olhos se encontram de novo, e eu penso *Adoro o seu rosto*, porque é o melhor rosto que já vi, e não consigo deixar de imaginar nós dois, de frente um para o outro, nossas testas se tocando, nariz contra nariz, e só agora percebo que a luz do farol que sinto sair de mim é na verdade um *rubor*. Ele também está corando, e, com a distância reduzida entre nós, é como se nossos rubores se encontrassem no meio do caminho. Nossos campos magnéticos estão entrando em contato.

Então Mik fala. Tudo o que ele diz é “Oi”, mas soa como se estivesse exalando a palavra em uma nuvenzinha de pura admiração, o que me faz derreter.

— Oi — respondo.

Uma palavra proferida, e nenhum problema de funcionamento bucal. Eu sei, é só um *oi*, mas é o *oi* mais significativo que eu já disse. Nem reconheço minha voz. Parece a voz de uma garota com uma coleção de bibelôs em formato de coração, mas nem ligo.

— Você me ajuda a descer?

Ele estende a mão para mim. Eu me agacho e me sento no muro de concreto, o ferro da grade machucando minhas costas. Percebo que ainda estou um pouco fora do alcance das mãos de Mik, então tenho que me inclinar para a frente e cair, deixando que ele me pegue. E eu caio. E ele me pega. E é como se eu estivesse me vendo fazer isso — cair nos braços estendidos de Mik, por fim entrando em seu campo

magnético — de longe. Ele me pega pela cintura, tão acolchoada pelo suéter e o casaco que sinto apenas uma pressão e não suas mãos. Eu me seguro nos ombros dele, também acolchoados mas ainda lindos, ombros de menino, e ele me pousa no chão, bem na frente dele, e aqui estamos nós, finalmente na parte verbal da noite.

Há uma longa pausa.

Mas não é uma pausa ruim, porque Mik está olhando para mim como se eu fosse um tesouro que alguém tivesse tirado da prateleira mais alta e colocado bem em suas mãos. Descubro que não ligo que ele me olhe. Não ligo nem um pouco.

— Recebi seu bilhete — diz ele.

— Também recebi o seu.

— Eu não sei desenhar — diz ele meio rapidamente, como se quisesse se desculpar; percebo que está tão nervoso quanto eu.

— E eu não sei tocar violino — rebato. — Isso foi... lindo.

É tão pouco perto do que realmente foi. *Sublime* talvez se aproximasse um pouco, mas soaria pretensioso.

Ele balança a cabeça, humilde.

— Não foi nada. Quer dizer, não diga a Mozart que falei isso. Mas não foi como o que você fez esta noite. Nem sei o que dizer. É a coisa mais incrível que alguém já fez por mim.

— O quê? Fazer você correr pela cidade inteira debaixo de neve?

É a minha vez de ser humilde. Foi *incrível*. Sei bem disso.

— Até parece. Não sei nem como você fez algumas daquelas coisas.

— E, depois de uma pausa, ele acrescenta: — Mas não me conte. Quero pensar que foi simplesmente magia.

— Mas *foi* magia — digo.

Aprendi isso com Karou, no que diz respeito à magia: você pode contar as mais estranhas verdades quase sem correr o risco de acreditarem em você.

A menos, aparentemente, no caso de Mik.

— Eu acredito — diz ele. — É mais ou menos como eu imaginava que você passava suas noites de sábado.

Pausa. Penso. Volto a falar:

— Você imaginava como eu passava minhas noites de sábado?

— Sim — diz ele, com uma leve inflexão de *é claro*. — Toda semana, quando estou em algum lugar chato e pouco original depois do show. É uma forma de me punir por ficar arrumando desculpas para não falar com você. Fico imaginando você em, sei lá, missões secretas, ou descendo por alçapões que somem sem deixar vestígios a não ser um pó prateado.

É como se ele estivesse descrevendo Karou. Missões secretas, invisibilidade e alçapões? Mik me acha misteriosa, é o que concluo.

E esse é, com certeza, o melhor elogio que alguém já me fez. Eu poderia lhe contar como de fato passo minhas noites de sábado — à toa no Sabor de Veneno com Karou, entre cadernos de desenho e xícaras de chá, choramingando sobre *ele* —, mas acho melhor não. Gosto dessa história de ser misteriosa.

— Pó prateado? — pergunto.

Ele dá de ombros, constrangido.

— Sei lá. Ou pegadas de pavão.

Isso é interessante.

— Pegadas de pavão — repito.

— É de um poema que eu li — explica ele. — Tem um pedaço que fala de “alguém que acorda e encontra pegadas úmidas de pavão pelo chão da cozinha”. Acho que desde então eu meio que quero isso. Tipo... Encontrar pegadas de pavão ao acordar.

— Entendi — digo, embarcando na viagem.

Pegadas de pavão. *Podemos providenciar*, penso, porque aposto que um scuppy daria conta da encomenda, mas então sou invadida por uma sensação de intimidade. Por causa da ideia de Mik acordando. A ideia de... estar lá quando isso acontecer. É como um vislumbre do futuro — uma possibilidade de futuro, tão além do meu alcance que sinto um calafrio. É a sensação de ser criança em uma sala cheia de adultos: tudo o que se vê ao redor são *joelhos*, e os adultos estão em seu próprio mundo, um bando de cabeças distantes falando sobre coisas impossíveis de entender.

Acordar com alguém é consequência natural de *dormir* com alguém, e isso é algo que se passa lá em cima, na cabeça dos adultos. E eu? Eu ainda estou aqui no chão, com o leite que derramei, levando na cara quando o cachorro balança o rabo.

Metaforicamente.

Não é uma revelação, nem há nenhuma decisão a tomar. É mais um vislumbre de decisões que estão por vir, em breve ou não. No mundo de fantasia dos adolescentes, o beijo é o final feliz. No planeta dos adultos, sei bem que é apenas o começo.

Olho atentamente para Mik, me perguntando onde ele está no espectro das expectativas de adolescente *versus* as de gente grande.

(P.S.: se você usa a expressão *gente grande*, é porque provavelmente não é uma.)

— Você é assim — diz ele . — Como pegadas de pavão. Inesperada. E esta noite foi assim. Incrível. E... eu não quero ser o cara

que só acorda e vê as pegadas.

— Espere. O quê? Achei que você *quisesse* encontrar as pegadas.

— Eu quero, mas não só isso. Quero fazer alguma coisa também. Contribuir com alguma coisa. Para isso. — Ele faz um gesto que nos engloba. Um gesto de “nós” que, considerando meus mais recentes pensamentos, me parece cheio de significado. E então o gesto aumenta e engloba o cais, o violino no chão, o fluxo d’água do rio. — Não que seja muita coisa. Mas foi o melhor que consegui fazer assim de uma hora para a outra.

— É lindo — digo, com sinceridade. — São perfeitas pegadas de pavão. Eu realmente não esperava.

Não menciono o breve colapso que a surpresa me causou lá no pátio do Liceu, nem meu coração partido, nem que fiquei pensando se ele era ou não um idiota.

— Que bom. — Franzindo um pouco as sobrancelhas em preocupação, ele acrescenta: — Espero que não tenha atrapalhado seus planos.

— Não. Foi ótimo.

Quais eram meus planos mesmo? De qualquer forma eu ia ter que improvisar depois do pátio, pensar em algum lugar quentinho, onde o globo de gelo pudesse começar a derreter. Falando nisso, *cadê* o globo? Ele não derreteu o globo e leu a mensagem, espero. Meu coração disparou ao pensar nisso.

— Você... hã... está com... o globo de gelo? — pergunto.

— Ah, sim, está aqui comigo. — Mik se endireita. Só então percebo (tarde demais) que ele estava meio curvado, para aproximar o rosto do meu. Ele me oferece o braço, como um cavalheiro de antigamente. — Por aqui, por favor, minha dama.

Hmm. O que é isso? Passo o braço em volta do dele. Mik me leva até o final do cais, passando pelo estojo do violino, e revela... mais pegadas de pavão.

Não literalmente.

Há um barco a remo amarrado no final do cais, balançando de leve na água escura lá embaixo. No mais encantador e inesperado dos quadros, o barco está todo arrumado para a hora do chá. Reconheço a bandeja imediatamente como sendo do Veneno. Um bule de prata, o açucareiro “de arsênico” e o jarrinho de creme “de estricnina”, duas xícaras e pires brancos, o globo de gelo cintilando como cristal e também... uma embalagem de confeitaria. Confeitaria. Ah, meu Deus, estou morrendo de fome. E congelando. E chá... e uma embalagem de confeitaria... em um barco a remo... Olho para Mik, espantada.

— Como você...?

— Os vinte minutos — diz ele. — Andei bem rápido. Mas ainda assim não teria conseguido se o cara maluco do tapa-olho não fosse um grande fã seu. Tive a nítida impressão de que ele não me deixaria levar o jogo de prata se não fosse por você.

— Bem, ele teria feito isso por mais uma pessoa. Minha melhor amiga. A gente passa muito tempo lá. Imrich é meio protetor com a gente.

— Não me diga. Ele ficou me encarando por uns dez segundos sem dizer nada. Tenho certeza de que, se as minhas intenções não fossem boas, meu rosto teria derretido.

Hmm. Tomara que as intenções dele não sejam *tão* boas assim. Quer dizer... Tomara que ele tenha algumas intenções mais ou menos más, que incluam uns beijos e só. Por enquanto.

— Fico feliz que seu rosto não tenha derretido.

Porque você vai precisar dele para me beijar.

— Eu também. Quer um pouco de chá?

— Nossa, e como.

Desço a pequena escada que tem no fim do cais e subo meio sem jeito no barco, tentando mantê-lo estável para não derramar o chá. Sou leve, então o barco não se mexe muito até Mik subir.

— Então o chá é do Veneno — digo, o que faz sentido. Fica bem pertinho. — E o barco?

— Bem... — Mik serve chá para mim. Ainda está bem quentinho, graças a Deus. — Vamos dizer que é melhor deixarmos amarrado onde está.

O primeiro gole de chá é o paraíso, assim como o calor da xícara nas minhas mãos dormentes.

— Entendo. Então não temos permissão para estar aqui.

— Não exatamente. Eu só tinha vinte minutos. Tive que me virar. Bolo?

Bolo. Uma boa forma de mudar de assunto. Mas hesito por um breve instante, porque meu cérebro começa a girar em uma roda de hamster de preocupação sobre a probabilidade de um beijo iminente. Comer ou não comer, eis a questão: penso se seria mais nobre para o estômago sofrer as agruras da fome horrenda (e manter a boca em imaculadas condições para beijar) ou pegar um pedaço do bolo e...

— Sim, por favor — responde meu estômago, antes do cérebro.

Mik abre a embalagem da confeitaria, revelando uma pequena *sachertorte*, o chocolate tão escuro que parece preto. *Chocolate.* Graças a Deus. Se ele tivesse trazido um bolo de qualquer coisa que não de

chocolate, ganharia um demérito. Não temos garfos nem pratos, só as colheres de chá, então é o que usamos para comer. Tiro a primeira colherada da superfície lisa do bolo — uma colherada pequena e delicada típica de uma fada e bem contrária ao meu *modus operandi* —, e, *Deus do céu*, o chocolate é tão intenso e puro que deveria se tornar um elemento químico e ter seu lugar na tabela periódica. Seria o *Ch*, que nem foi reivindicado ainda.

O barco balança suavemente e meus pés estão congelando, mas o chá me aquece por dentro e todo o contato visual com Mik provoca em mim um rubor que esquentava meu rosto, então estou bem (muito mais do que bem), ainda que seja fevereiro em Praga, e somente pessoas malucas se sentariam em um barco a remo para comer bolo em plena tempestade de neve.

Porque... hmm... a neve está ficando mais forte. Nós dois olhamos em volta, como quem diz: *hein?* Caem grandes flocos macios que, quando atingem a água, derretem como açúcar no café. Seria um café bem doce, porque é *muito* açúcar. A neve começa a se acumular nos telhados e no cais — até mesmo no bolo.

Mik decide ignorá-la:

— Então, você é de Praga?

Ele olha para mim determinado a não notar a nevasca, e pega mais um pedaço do bolo. Pego mais um também. E tomo mais um gole do chá.

— Český Krumlov. E você?

— Também. Vinohrady. Minha família ainda mora lá, mas agora estou em Nove Mesto.

Nós dois agimos como se estivéssemos à mesa de um café, o mais casualmente possível.

— Moro em Hradčany — digo a ele. — Com uma tia-avó vampiresca.

E uma conversa totalmente normal se desenrola a partir daí, cobrindo os itens básicos: família, irmãos, escola, compositores preferidos, filmes preferidos, madeira preferida (para entalhar marionetes), a pré-história do sanduíche e a dúvida se as togas dos antigos romanos prendiam na roda dos monociclos.

Quer dizer, *começa* totalmente normal e depois toma outro rumo. Por causa do globo de gelo.

Ah, sim, o globo de gelo.

Sabe, enquanto não estou prestando atenção nele — porque, *aloou*, estou prestando atenção no lindo garoto que me fez uma serenata e me trouxe bolo —, acho que o globo rola e vai parar junto

ao bule de chá e... derrete e... revela sua mensagem.

Esteja eu pronta ou não.

ELE

AGARRE SEI LÁ O QUÊ

Então, estou com muito frio. O chá ajuda um pouco, mas é uma loucura continuar aqui fora. Em algum momento vai passar de loucura no bom sentido à loucura do tipo “vamos ser encontrados assim pela manhã com os sorrisos congelados em nosso rosto azul”. O chá pode ser nossa ampulheta. Quando acabar ou esfriar — o que acontecer primeiro —, é hora de ir. Mas, por enquanto, ainda está quente, e esta loucura ainda é uma loucura boa. Uma história para contar.

A noite em que finalmente nos conhecemos.

Até agora está sendo uma história muito boa. Fico me perguntando como será o restante. Como vai terminar. A noite, quer dizer, não a história. Sei como espero que a noite termine. Quer dizer, há duas versões, na verdade, mas meu melhor eu trancou o meu eu homem em uma caixa desta vez. Meu melhor eu espera que no fim eu leve Zuzana em casa e lhe dê um beijo de boa-noite quando chegarmos a sua porta.

A todo momento eu quero estender a mão e tocar seu rosto.

Mas que diabos. Quando a vejo tremer, quero cobri-la com meu casaco e abotoá-lo em volta dela. Quero aquecer meu rosto em seu pescoço, embaçá-la como um espelho e escrever meu nome nela com a ponta do dedo. Quero aquecer minhas mãos também. Imagino a pele dela, tão escondida sob todos esses agasalhos, fazendo-a parecer o recheio-surpresa de um bolo. Todas as camadas de roupas pesadas me desafiam a imaginar as formas secretas ali escondidas. Quer dizer, nem tudo é imaginação. Já vi Zuzana sem pelo menos os casacos mais pesados, no teatro, mas eu a conheci no inverno, então: suéteres, cachecóis, calças jeans, botas. Nem um pedacinho do tornozelo ou da clavícula, esses milagres da geometria feminina. Isso é muito vitoriano, mas, depois de um longo e tenebroso inverno desprovido de namorada, acho que o vislumbre de um tornozelo me excitaria.

Em teoria, ao andar pela cidade com os bilhetes e o mapa de

Zuzana nos bolsos e suas marionetes nos braços, estava sendo fácil não ser esse cara. Havia algo de tão inocente naquela caça ao tesouro, como um conto de fadas. Mas aqui, agora, sentado bem de frente para ela, olhando para seu rosto tão lindo, tenho... desejos. Se esta noite é um conto de fadas, então este é o felizes-para-sempre, certo, ou pelo menos o começo dele? E penso uma coisa sobre o “felizes para sempre”: aquelas princesas e filhos de lenhadores também têm um corpo por baixo dos casacos. Quer dizer, o que você acha que o felizes-para-sempre significa?

(Não posso ser o único que pensa assim.)

E não é como se eu nunca tivesse pensado no felizes-para-sempre com Zuzana. Sou homem. Mas, mesmo antes desta noite, havia algo nela que fazia minha imaginação funcionar em outro nível. Em nível de namorados, como uma montagem de filme em que andamos de mãos dadas, preparamos jantares e lemos livros no parque.

E *então* chegamos ao felizes-para-sempre. Alguma hora. Algum dia. Talvez.

Espero.

Desabotoar o casaco de Zuzana seria como desfazer o laço de um presente.

Pare com isso.

Tudo bem. Meu melhor eu está de volta ao controle. Tudo bem. Estamos conversando esse tempo todo, e é fácil. Zuzana é engraçada e sagaz — brilhante — e entra na onda de assuntos aleatórios (como pegadas de pavão), de forma que cada fio solto é emendado e cada tópico se torna maior, mais estranho, mais engraçado. É o melhor tipo de conversa. Estamos rindo muito. Conto a ela sobre o sequestro que sofri aos quatro anos para ser levado ao inferno. Ela me conta sobre a marionete que morde. Quero conhecer esse avô maluco dela, e agora quero muito um dedo de golem também.

Pego o bule para encher nossas xícaras pela última vez — a ampulheta chegou ao fim, as borras de chá estão frias —, e é então que noto: o misterioso globo de gelo, que Zuzana tinha deixado pendurado no pátio do Liceu, derreteu. Bem, quase todo. O lado junto ao bule de chá ficou plano, e a cápsula que há dentro dele está saindo.

— Ah. — Quando o pego, vejo Zuzana ficar paralisada, e me pergunto: o que há neste globo de gelo? Quando olho para ela com ar indagador, vejo que está mordendo o lábio. Nervosa. — Posso abrir? — pergunto. Ela não responde de imediato.

Agora estou mesmo curioso. Os olhos dela me avaliam em silêncio — e mais silêncio, e mais um pouco —, e tenho a sensação

desconfortável de que ela está vendo bem dentro do *meu eu homem* trancado, e de alguma forma sabe que penso nela como o recheio-surpresa de um bolo, e então — silêncio, silêncio, silêncio —, por fim, ela responde:

— Pode.

— Posso?

Levanto a bola de gelo parcialmente derretida com a cápsula aparecendo.

— Pode — repete ela.

Seus olhos estão bem tranquilos e abertos, bem escuros e atentos. Isso é importante.

Já não consigo sentir meus dedos, e terminar de tirar a cápsula de dentro do gelo o anestesia de um jeito que é como se fossem próteses de madeira. Se você já tentou abrir um tubo de plástico e desenrolar um pedacinho de papel com próteses de madeira no lugar dos dedos (sério, quem nunca fez isso?), sabe que não é fácil. E, enquanto estou ocupado com isso, o silêncio entre nós vai ficando mais pesado e mais profundo, como a neve.

Por fim, eu consigo. Desenrolo a mensagem e leio.

Carpe puella.

Agarre. Agarre sei lá o quê. Porcaria. Não sei o que *puella* significa. Sei o que espero que signifique, mas não falo latim. *Noctem* e *diabolus* eram palavras fáceis, mas agora sou eu que estou mordendo o lábio.

— Hmm — digo.

Zuzana ainda me observa com a intensidade de um telepata. Sua mandíbula está cerrada. Estou estragando tudo.

— Eu não... não falo latim? — pronuncio as palavras como uma pergunta, e assim que elas saem, como se por magia, a tensão deixa o rosto de Zuzana.

— Ah. Nem eu. Tive que procurar essa no Google. Bem que eu achei que talvez fosse obscura demais. Me dá aqui.

Ela estende a mão para pegar o papel e eu o entrego, e então Zuzana tira uma caneta da bolsa e se curva sobre o bilhete, não deixando que eu veja enquanto escreve mais alguma coisa. Então enrola o bilhete de novo e me entrega solenemente.

Agora está escrito:

Carpe puella Zuzana.

Eu engulo em seco, de uma forma cartunesca audível.

— Era o que eu *esperava* que fosse — falei. — Mas se *puella* significasse, sei lá, *sanduíche* ou *bicicleta*, podia ter sido bem constrangedor.

Zuzana faz uma pausa pesada, longa o suficiente para eu perceber como essa era a reação errada ao pedido de uma garota — ou melhor, *ordem* — de agarrá-la, e então ela pergunta calmamente:

— Será que existem palavras em latim para *sanduíche* e *bicicleta*? Quer dizer, será que havia sanduíches e bicicletas na época dos romanos?

— Bem, sanduíches... Sempre houve sanduíches. Os mesmos alienígenas que trouxeram os dinossauros para a Terra também trouxeram sanduíches. — *Do que estou falando?* Será que devo apenas me curvar agora e beijá-la? — Mas não sei quanto às bicicletas.

— Acho que eles não tinham bicicletas — considera Zuzana. — Só monociclos.

— Monociclos. — Quero agarrá-la, mas me parece tão abrupto, sei lá, como se houvesse uma lógica lunar para coisas assim, uma atração da lua, e o momento não fosse o certo. — Não sabia disso. As togas deles ficavam presas na roda?

— O tempo todo. Tem até um mosaico sobre isso em Pompeia.

— Isso aconteceu com a minha irmã — digo. — Mas não em um monociclo. Ela estava na garupa da mobinete de um cara em Milão e a saia dela ficou presa nos raios. Era uma saia cigana, de tecido fino. Rasgou inteira e se soltou do cós, e então lá estava minha irmã, só de calcinha e com o cós na cintura, em uma rua chique e movimentada de Milão, enquanto uma dezena de transeuntes tentava soltar a saia do pneu da mobinete.

— Que... terrível.

— E ela ainda foi atingida na cabeça por um pombo. No mesmo dia.

— Um pombo... fez cocô na cabeça dela?

— Não. Não, acertou a cabeça dela. Na verdade, chegou a derrubá-la e deixá-la sangrando. Ela teve que tomar injeções, por causa do risco de uma infecção.

— Parece que a Itália estava tentando se livrar dela.

— Bem, funcionou. Ela foi embora no dia seguinte e prometeu nunca mais voltar.

Então aqui estamos, falando sobre monociclos romanos e sanduíches alienígenas e as desventuras italianas da minha irmã, enquanto paira entre nós:

MEU FRACASSO ÉPICO EM CARPE.

O que há de errado comigo? Talvez eu tenha trancado bem demais o *meu eu homem*. Não, não é isso. O *meu eu homem* não é o necessário agora. Zuzana merece algo melhor.

— Pode me emprestar sua caneta? — pergunto.

Ela me empresta. Eu me curvo sobre o pedacinho de papel e escrevo: *Quero muito carpe você. Mas gostaria de tentar surpreendê-la, se você concordar. Além disso, não consigo mais sentir meu rosto nem minhas mãos.*

A letra está um horror, já que não consigo mais sentir minhas mãos. Entrego o papel a Zuzana, que, quando o lê, ri.

— Talvez seja hora de ir embora.

Com certeza é hora de irmos embora. Então saímos do barco, carregando a bandeja de chá. Ajudo-a a subir a escada primeiro e depois vou também, e é quando me abaixo no cais para pegar o estojo do violino que vejo... algo completamente louco.

Durante toda esta noite, desde o *Carpe diabolus*, meu eu racional está deitado de costas brincando de fazer anjos na neve enquanto o eu esperançoso está sentado no peito dele cantarolando, e eu me deixei entrar nesse jogo de magia. Mas ainda era um jogo. Quer dizer, não acreditava de fato nessas coisas, acho, porque de repente... passo a acreditar. Não é mais uma questão de suspensão de descrença. É *crença*, e as duas coisas são água e vinho.

À minha frente, formando-se uma a uma na cobertura suave de neve e seguindo rapidamente para longe bem diante dos meus olhos, vejo pegadas. Apesar de ter citado aquela poesia, não saberia realmente dizer como é o rastro de um pavão. Mas provavelmente é assim: grandes pegadas de pássaro. Como hieróglifos.

Como mágica.

Estou sem fala. Viro-me para Zuzana, mas ela não notou. Está olhando para o céu, a neve rodopiando ao seu redor como penas em uma guerra de travesseiros de filme, e quando olho de volta para o cais, as pegadas já estão desaparecendo por baixo dos novos flocos que caem — uma visão secreta na qual ninguém vai acreditar amanhã, talvez nem mesmo eu —, e, quando me viro de novo para ela, Zuzana está olhando para mim. Olhos de laca escura, o cabelo picotado com as pontas espetadas por causa do clima. Casaco preto, botas pretas, as mãos nos bolsos. E aquele ar de boneca do seu rosto, *lindo* — lindo como em uma obra de arte —, cada plano e cada curva parecendo a escolha harmoniosa de um artista — uma curva compensando uma linha reta, este ângulo acentuando aquele arco —, e o formato de

coração, os olhos grandes e as elegantes sobrelanceiras castanhas com sua extraordinária mobilidade, e a *maciez*.

E a boca.

A boca. Quem pode dizer como essas coisas acontecem? Acho que a lua controla mais do que só as marés. Ou fui eu que me mexi, ou foi Zuzana, não sei bem. Só sei que ela está bem mais perto de repente, e o que quer que estivesse me impedindo de agarrá-la antes agora não me impede mais. O espaço entre nós desapareceu, e olho da sua boca para seus olhos e de volta para a boca, e ela faz o mesmo, e há um instante em que me inclino em direção a ela e nós dois olhamos da boca um do outro para os olhos ao mesmo tempo, e ficamos presos ali, e o contato visual é tão mais do que energia e força. É como perder a gravidade e cair no espaço — o instante de se lançar impetuosamente quando a imensidão do espaço se impõe e não há mais embaixo, só uma eternidade acima, e você percebe que pode cair para sempre e nunca deixar as estrelas.

O rosto dela, minhas mãos. O rosto de Zuzana nas minhas mãos. As pontas dormientes dos meus dedos contornam o queixo dela e voltam para seu cabelo — afastam-se apenas o bastante para deslizar por seu pescoço — para suavemente, delicadamente...

... agarrá-la.

E beijá-la.

...

...

...

E, no fim das contas, não há melhor forma de degelar um rosto do que com outro rosto.

ELA

12

COMO CHOCOLATE

Mensagem às duas da manhã para Karou:

**Bocejando.* Dia longo. Acho que vou dormir.*

Quatro segundos depois: **NÃO TEM A MENOR GRAÇA.**

Eu respondo: *Nem um pouquinho?*

Ela: **ME CONTE ALGUMA COISA BOA AGORA MESMO**

Eu: *Vamos ver. Alguma coisa boa. *Batendo o lápis na boca.* Ok: pavão-fantasma.*

Ela: ???

Eu: *Usei meu penúltimo scuppy para fazer pegadas de pavão aparecerem na neve.*

Ela: *Ah sim, claro. Quem não faria isso...?*

Eu: *E quando Mik viu, fogos de artifício explodiram no cérebro dele. E então ele me beijou.*

Ela:!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

beijo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Começo a digitar uma resposta, mas não escrevi mais do que algumas palavras quando o telefone toca — como deveria, porque isso merece mesmo uma ligação. Atendo antes de o primeiro toque terminar.

— Então vou mesmo colecionar bibelôs em formato de coração e vai ser legal — digo. — Não duvide da minha capacidade.

Após uma pausa, uma voz que não é de Karou responde:

— Isso é curioso, porque eu estava bem pensando em começar um blog só de fotos minhas fazendo coração com os dedos em volta de várias coisas diferentes. Como focinhos de cachorros e grafites engraçados. — E a voz que não é de Karou é de Mik, e por um segundo fico paralisada e meu cérebro entra no modo de avaliação de danos, mas quase imediatamente percebo que tenho muita sorte. Muita sorte. Havia milhões de coisas mais constrangedoras que eu

poderia ter dito; além do mais, *Mik ligou para mim*. — E balões presos em árvores — continua ele. — E patinhos em banheiras.

— E nuvens em formato de arma — contribuo.

— *Isso*. E raízes obscenas.

— E crianças em coleiras. E maquiagem de palhaço malfeita.

E é como se conversássemos ao telefone no meio da noite há anos, fácil assim, e, no fim da ligação, estamos falando meio sério sobre o blog dos corações, e, apesar do meu esforço de levar essa história em uma direção misantrópica, é uma ideia fofa, e Mik não se deixa intimidar e segue em frente com sugestões como “pés de bebê” e “avestruzes surpresos”, e isso me deixa simplesmente muito *feliz*.

— É melhor eu deixar você dormir — diz ele. — Só queria lhe dar boa noite.

— Boa noite — digo, sonolenta.

Estou contente com essa felicidade que mais parece um bolo em camadas, indo de uma satisfação profunda, exuberante e quase preguiçosa, como um banho quente, à alegria efervescente, do tipo fogos de artifício no buraco do coração de uma marionete, uma felicidade que está despertando novas partes do meu cérebro e ensinando alguns passos de dança para ele.

— E eu queria ter certeza de que você não achou, hã, que eu... hesitei... antes porque não queria beijar você — diz Mik.

— Não — respondo, embora tenha mesmo pensado nisso, ou temido isso, por alguns segundos no barco. Mas entendo agora, e não há uma só molécula em mim que pense que aquele beijo foi forçado, relutante ou morno. O beijo. O beijo falou por si. E apagou todas as dúvidas. — Está tudo bem. Não podia ser orquestrado. Tinha que simplesmente acontecer.

— Fico feliz que tenha acontecido — diz ele.

— Eu também.

— Você acha... que talvez possa acontecer amanhã de novo? No jantar? Não, não posso esperar tanto. Almoço? Não. Café da manhã?

Ah, acho que sim. Estou irradiando raios de farol pelo meu quarto.

— Sim, por favor.

E fazemos planos e trocamos um boa-noite, e então eu desligo. Recebi algumas chamadas interrompidas enquanto estávamos conversando, e não olhei quem era na hora, mas vejo agora que eram de Karou, que deixou uma mensagem de voz e várias de texto, a última das quais diz:

Por queeeeeeeeeee você está me torturandooooooooo?

Respondo: *Desculpa! Desculpa! Mik me ligou*.

E então a ficha cai. *Mik me ligou*. Isso é uma coisa que acontece agora. Além de beijar. Beijar fará parte da minha vida agora. Acabo de perceber, com uma rara clareza: há um horizonte aberto diante de nós, até onde a vista alcança, sem medo ou joguinhos, apenas mútuo prazer. Tão simples, mas tão incrível. Como chocolate. Não uma trufa dourada ou uma torre gorda de bolinhos balançando em uma travessa de cristal, mas uma barra simples e honrada do melhor chocolate do mundo.

Escrevo mais algumas mensagens para Karou, e a felicidade dela por mim praticamente transborda pelo telefone, mas está tão tarde, e eu só quero ficar aqui deitada na cama relembrando tudo que aconteceu esta noite, então me despeço com a promessa de ligar de manhã e fico só deitada, recordando.

A sensação de queda quando Mik se curvou. Os olhos dele estavam tão perto, e seus lábios, e eu não sabia para qual olhar, para os lábios ou os olhos, e então... Eu só. Os olhos, bem perto. Eu nunca. Os olhos dele são azuis, e olhos azuis assim tão perto são um fenômeno celestial: nebulosas vistas por telescópios, a luz difusa de estrelas sem nome através da poeira, dos elementos e da imensidão. Camadas de luz. Olhos azuis são luz das estrelas. Eu não sabia. Os cílios dele se fecharam antes dos meus; sei disso porque tenho uma rápida lembrança estroboscópica de seus cílios cobertos por flocos de neve em um rendado perfeito — e então a escuridão, quando meus olhos se fecharam também, e toda a minha consciência transbordou para os outros sentidos.

Tato. A maciez dos lábios.

A princípio, tudo bem, não houve muita maciez, por causa da dormência do nosso rosto congelado, mas isso só me fez perceber ainda melhor a nossa respiração, porque era quente, e a cada segundo que nossas bocas se moviam de maneira suave uma na outra eu *sentia* mais. Era como uma imagem entrando em foco. Não sei dizer em que ponto passei a sentir totalmente, só sei que chegamos lá. Chegamos lá lenta e primorosamente, nossa respiração se tocando mais do que nossos lábios, então cada leve roçar trazia uma ansiedade pelo seguinte, e aprendi isto: a percepção que os olhos têm da textura não é nada comparada à dos lábios, e eu não sabia o que era aveludado até descobrir isso com a boca.

Ah, beijar. Ah, garoto do violino.

Não sei direito quanto tempo durou. Não consigo nem chutar. Alguma coisa entre dois e vinte minutos, e, por mais que nunca tenha deixado de ser *doce*, perto do fim começou a dar sinais da misteriosa

conectividade dos nervos, pequenos rios de fogo que corriam por todo o meu corpo despertando células adormecidas de sensação, cada uma acrescentando outra dimensão àquela misteriosa paisagem interna que é tão maior do que parece, talvez até infinita, incompreensivelmente maior. E a reflexologia já não me parece mais besteira, porque se um toque suave na minha nuca pode fazer *aquilo* com os meus joelhos, então, no que diz respeito ao corpo humano... deve ser tudo possível.

Meus joelhos foram o que finalmente levou nosso beijo ao fim, porque começaram a ficar bambos, e Mik pensou que eu estivesse tremendo de frio. Depois do beijo nos entreolhamos, ofegantes, um pouco surpresos — ah, *oi* — e inconscientemente felizes, fascinados, completa e profundamente enfeitiçados.

Então, sabe, foi bom.

Meu telefone vibra de novo, bem quando eu estava começando a pegar no sono. Uma mensagem. De Karou: *Preciso saber: se você fez as pegadas de pavão com seu penúltimo scuppy, o que fez com o ÚLTIMO?*

E levo a mão até ele — não mais escondido no bolso do casaco, mas pendurado em um comprido cordão de prata no meu pescoço: uma única conta vermelha. Não precisei dele. Bem, não precisava de nenhum, mas fiquei feliz por tê-los, porque me inspiraram a criar esta noite — até o momento em que a noite assumiu o controle, com a ajuda de Mik, e começou a criar a si mesma. É o que sempre se espera que aconteça: que a vida assuma o controle e seja melhor e mais maravilhosa do que podemos sonhar.

A vida não precisa de magia para ser mágica.

(Mas um pouquinho com certeza não faz mal.)

É bom saber que tenho este último scuppy se algum dia eu precisar de pegadas de pavão — seja no sentido literal ou figurado —, mas talvez eu só o guarde como souvenir mesmo. Quem sabe? *Vou deixar para uma emergência*, respondo. Então envolvo a conta com os dedos, sorrio e começo a adormecer, torcendo para que todos os meus futuros dias (e noites) de neve e bolo e marionetes sejam tão bons quanto o de hoje.

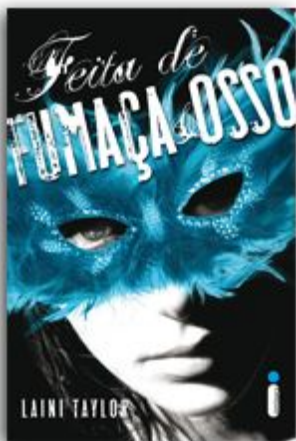
SOBRE A AUTORA

© Ali Smith



Laini Taylor mora em Portland, nos Estados Unidos, com a filha e o marido, o ilustrador Jim Di Bartolo. Finalista do National Book Award em 2009, tem outros quatro romances publicados. Da série *Feita de fumaça e osso*, foram lançados dois volumes no Brasil, sendo o último *Dias de sangue e estrelas*.

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE



Livro I
Feita de fumaça e osso

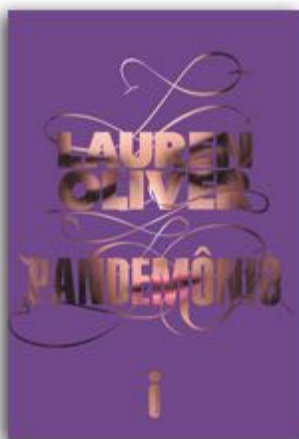


Livro II
Dias de sangue e estrelas

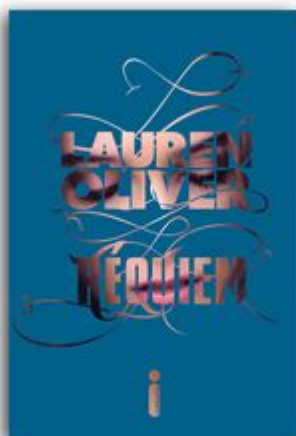
TÍTULOS RELACIONADOS



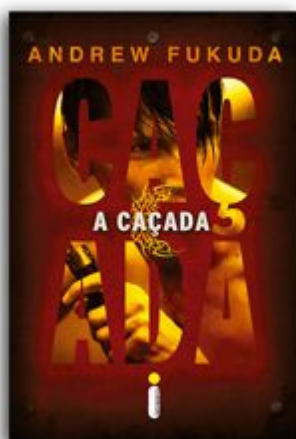
Delírio
Lauren Oliver



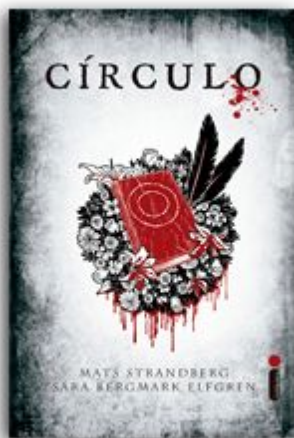
Pandemônio
Lauren Oliver



Réquiem
Lauren Oliver



A caçada
Andrew Fukuda



Círculo

Mats Strandberg & Sara B. Elfgren